



Cultura de paz

*Redes de
Convivência*

Lia Diskin





"Nunca duvide de que um pequeno grupo de cidadãos conscientes e engajados consiga mudar o mundo. Na verdade, essa é a única via que conseguiu produzir mudanças até agora."

Marjorie Mead

*“devemos ser a mudança,
que queremos ver no mundo.”*

*Em grande parte
a frase de Gandhi
iluminou o nosso caminho
e o propósito deste trabalho.*

Mahatma Gandhi



Apresentação

Lourdes Alves de Souza
Senac São Paulo

Esta cartilha é uma contribuição do Senac São Paulo para a sociedade brasileira. Ela tem como propósito compartilhar saberes, experiências de convivência e, sobretudo, inspirar iniciativas que tenham como finalidade a promoção do desenvolvimento humano, social e, por conseguinte, a cultura de paz.

A área de Desenvolvimento Social do Senac São Paulo, responsável pelos programas Rede Social e Desenvolvimento Local, ao longo da última década, inovou em tecnologia social assumindo, no meio em que está inserido, o papel de Agente de Desenvolvimento Local.

A ideia central dos programas é facilitar a passagem de uma determinada situação social para outra melhor. Começamos por formar uma governança local, que se constrói entre atores sociais em torno de pactos, para a realização de ações e projetos que promovam o desenvolvimento do local. Esse núcleo comunitário, que chamamos de governança, é inicialmente capacitado na metodologia e constituído por pessoas expressivas da sociedade civil, dos setores governamental e empresarial. Esses agentes produzem e são, ao mesmo tempo, o capital social que se quer incrementar.

Esse “governo” local se orienta por princípios de horizontalidade, democracia, transparência e cooperação. O que efetivamente se coloca em exercício e prática é a capacidade de criar coletivamente um sonho de futuro melhor e as condições para chegar ao futuro desejado.

Trata-se de um processo educativo, edificante do ponto de vista do desenvolvimento humano. Ele se constrói no fortalecimento das relações de confiança, na experiência de aprendizagem em equipe, com o potencial criativo da inteligência coletiva, responsável pela mudança na forma de pensar, fazer e viver o desenvolvimento da localidade. Os protagonistas da mudança criam novas condições de aprendizagem, utilizam a prática do diálogo como forma de comunicação e compreensão do outro. Praticam a negociação como instrumento de tomada de decisão e a mediação de conflitos para solucionar problemas e desenvolver seus talentos, novas competências a partir da troca de experiências, no compartilhamento de conhecimentos acumulados pelo conjunto. Em geral aceitam o erro como parte da aprendizagem, potencializam os ganhos advindos da diversidade e criam estrutura para acolher o novo.

É desta forma que a metodologia do Senac São Paulo proporciona essa vivência que, acima de tudo, busca contribuir significativamente para a mudança de modelo mental e da construção de uma cultura colaborativa.

Acesse o nosso site: www.sp.senac.br/desenvolvimentosocial



índice

1. Mudanças em alto-mar 06

- Redescobrimo a solidariedade 09
- Pedagogia do Sabão 12
- Rede de mulheres liberianas 13

2. Transformação de uma cultura de violência em uma cultura de convivência 14

- O Manifesto 2000 16
- Bumerangue como ponto de partida 20
- A Cultura de Paz entra em cena 22
- Princípios da não violência 25
- O mundo escreve uma carta 28

3. Saber o sabor da experiência 30

- A Educação e a Saúde em Porto Alegre 31
- Universidade Aberta do Meio Ambiente e da Cultura de Paz – UMA PAZ, em São Paulo. 32
- Programa gente que faz a paz 34
- Cultura de Paz em Curitiba 35
- Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo:
Políticas públicas para superação da violência e construção de uma cultura de paz 36
- Educadores da paz –
Programa de Formação de Educadores em Cidadania, Ética e Valores Universais, em Araçatuba 38
- Programa Cidades Pela Paz – Esforço Socioeducativo e Cultural 40
- Projeto de extensão universitária – “Peregrinos da Paz”, no Pará 42
- Londrina constrói uma história de Paz 43
- Comitê Paulista para a Década da Cultura de Paz 44

4. bibliografia 46

5. Expediente 47

mudanças em alto-mar

mãe,

na próxima reunião de condôminos por que você não propõe fazer coleta seletiva do lixo no prédio? Na minha escola tem tambores coloridos onde jogamos separadamente papel, vidro, plástico, restos de comida e metais. A professora disse que tudo pode ser reaproveitado, e que temos de aprender com a Natureza, que recicla tudo o que cria e não produz lixo.

No Brasil, a coleta seletiva de lixo começou em Niterói, RJ. Essa primeira experiência aconteceu em 1985, por iniciativa dos moradores de um bairro local, com apoio da universidade e de uma ONG alemã. A prefeitura cedeu apenas o terreno.

Nancy,

uma jovem arquiteta em reunião de planejamento para a construção de um sobrado:

— *Analisei o orçamento dos materiais e verifiquei que foram cotados preços de madeiras de diferentes procedências. Sugiro que se opte pelo fornecedor de madeira certificada, que não degrada o meio ambiente, garante os direitos e as condições dos trabalhadores e das comunidades locais. Além disso, agrega valor às nossas criações e dá credibilidade à nossa empresa.*

A certificação FSC (Forest Stewardship Council) foi criada em 1993 para garantir o bom manejo florestal mundialmente, diante dos riscos do desmatamento indiscriminado. No Brasil, a partir de 2002, o Conselho Brasileiro de Manejo Florestal é quem concede essa certificação.

Joaquim,

you precisa deixar a torneira aberta enquanto se barbeia? pergunta o irmão caçula que o observa parado na porta do banheiro.

— *No programa da TV falaram que está faltando água potável em muitas partes do mundo e que há mais de 1 bilhão de pessoas em dificuldade por falta de água doce. Também disseram que um banho demorado gasta de 95 a 180 litros de água, e que escovar os dentes com a torneira aberta consome 25 litros. Quantos você já gastou?*

No âmbito da ONU, o monitoramento das águas potáveis no mundo começou em 2000, com a criação do World Water Assessment Program – WWAP.

Tudo indica que estamos confrontando hábitos comportamentais e visões de mundo em que as gerações mais novas possuem um repertório de habilidades, conhecimentos e valores que não estavam disponíveis há um par de décadas. Conceitos como os de ecologia, desenvolvimento sustentável, economia verde, fontes de energia limpa, liderança participativa, tecnologia da informação, cidadania planetária, comércio justo, redes, gestão do conhecimento, agricultura orgânica, *e-business*, nanotecnologia... não integravam o currículo escolar de nenhuma pessoa hoje na meia idade, em qualquer parte do planeta.

Exemplo paradoxal disso é o depoimento do Professor Lord James, graduado em Química na Universidade de Oxford e antigo vice-reitor da Universidade de Nova York. Disse após analisar as questões atuais de Química, propostas nas provas e exames da universidade onde se formou: **"Concluí que não apenas sou incapaz de resolvê-las, mas que jamais fui capaz de resolvê-las, porque pelo menos dois terços dessas questões envolvem conhecimentos que simplesmente não existiam quando eu me graduei".**

A primeira mensagem de texto comercial via computador foi transmitida em dezembro de 1992, e o uso generalizado da internet ocorreu no início de 1995. Hoje se estima que a cada três anos se duplica o caudal de conhecimentos gerais disponíveis, fato que até 1950 levava gerações, e que a quantidade de informação técnica duplique a cada 72 horas até o ano de 2010. O crescente impacto das grandes inovações tecnológicas, e com elas o advento das redes de computadores, está transformando – para o bem e para o mal – a própria percepção e compreensão do lugar que ocupa

nosso planeta Terra no espaço sideral, da singularidade do fenômeno chamado Vida; dos costumes e valores que moldam a diversidade das culturas, da dinâmica relacional das comunidades e da complexidade biológica-cultural de todo esse conhecimento gerado por nós mesmos. Para o filósofo francês Pierre Levy, o surgimento das redes de computadores configura um feito tão radical para a humanidade quanto o foi o controle sobre o fogo.

Uma pesquisa realizada em 2006 por funcionários da escola de ensino médio Arapahoi, no Colorado, EUA – amplamente divulgada pela internet –, revelou sobre o tempo necessário para alcançar 50 milhões de espectadores: o rádio consumiu 38 anos, a TV levou 13 anos e o computador 4 anos. O número de computadores com acesso à internet em 1992 era de 1 milhão, e em 2006 de 600 milhões. E já foram testadas fibras óticas que transportam 10 trilhões de bits por segundo. Esse volume de informações triplica a cada 6 meses.

Um outro fenômeno exponencial e inusitado na história da humanidade é a emergência, nas últimas décadas, da mobilização da sociedade civil para dar conta das suas necessidades, insuficientemente ou não atendidas pelo Estado nem pelo mercado. Trata-se das organizações não governamentais ou do chamado terceiro setor, que cria e recria mecanismos de denúncia, de articulação e de ação que viabilizem justiça, dignidade e sustentabilidade para suas comunidades e famílias. *"O terceiro setor é, em grande medida, o mais criativo laboratório de interações comunitárias do país, uma usina movida a energia humana e solidariedade, um campo profuso de desenvolvimento de soluções que se constrói com base na soma de capacidades e pequenas ações – normalmente anônimas – de centenas de milhares de cidadãos organizados"*, escreve Ricardo Voltolini no editorial da primeira edição da revista *Ideiasocial*, de 2005.

Estas organizações, de modo espontâneo ou, melhor dizendo, instintivo, iniciaram suas ações operando em rede, exatamente como faz a Natureza da Vida – estabelece relações, liga átomos, células, órgãos e seres que possibilitam a renovação e atualização permanente do vivo. Necessidades comuns criam objetivos comuns que, quando articulados, planejados e gerenciados de modo saudável, provocam mudanças substanciais. Agora, o mais surpreendente neste

processo é que não há um centro, uma ideologia, um credo, um regente ou líder carismático. Sequer há um foco único de reflexão e ação. Os movimentos ambientalista, pelos direitos humanos, feminista, pela paz, contra a miséria, o terrorismo, a corrupção, a polarização da renda, a perda das identidades culturais estão articulados em redes colaborativas que ultrapassam as fronteiras nacionais, conectando milhões de pessoas do mundo todo.

Paul Hawken, ativista social e pesquisador deste fenômeno que dinamiza a sociedade civil, manifesta sua perplexidade ao concluir que *"movimentos têm seguidores, mas este movimento não funciona assim. É disperso, sem formas definidas e ferozmente independente. Não há manifesto ou doutrina, nenhuma autoridade para verificar. Procurei um nome, mas não há [...] É a primeira vez na nossa história que um poderoso movimento não ideológico emerge"*

(Paul Hawken, *Blessed Unrest*, New York, Vicking Press, 2007.)

O assistencialismo e voluntarismo que caracterizaram uma profusão de ONGs na década de 1990 está dando lugar a instituições que se capacitam em gestão para oferecer efetividade e sustentabilidade a suas ações, de modo a concretizar a missão que lhes deu origem. Soma-se a isto o engajamento crescente da comunidade empresarial com os princípios de Responsabilidade Social e Desenvolvimento Sustentável, diretrizes de gestão caracterizadas por transparência da empresa diante dos grupos de interesses com os quais ela se relaciona (sejam funcionários, consumidores, clientes, cidadãos, órgãos de controle ambiental, de boas práticas empresariais etc.), e também pela escolha de metas que, além de atender aos objetivos da empresa, fomentem o desenvolvimento sustentável da sociedade como um todo, respeitando o ambiente natural, valorizando a diversidade cultural e promovendo a redução das desigualdades econômicas e o aumento da igualdade de oportunidades.

Isso significa que, à medida que a sociedade civil organizada torna visíveis suas reais necessidades, Estado, empresas e ONGs começam a trabalhar conjuntamente, articulando seus saberes e competências, em parcerias criativas que alavancam comunidades inteiras.

redescobrimos a solidariedade

Milhares de empresas no mundo todo aderiram aos **Oito Objetivos de Desenvolvimento do Milênio** – que no Brasil recebeu o nome de **8 Jeitos de Mudar o Mundo** – definidos pela Organização das Nações Unidas (ONU) – ano 2000, através do compromisso assumido unanimemente pelos seus 191 Estados-membros para, até 2015:



1

ACABAR COM A FOME E A MISÉRIA

Erradicar a pobreza

Um bilhão e duzentos milhões de pessoas sobrevivem com menos do que o equivalente a um dólar por dia.



5

MELHORAR A SAÚDE DAS GESTANTES

Melhorar a saúde materna

Nos países pobres e em desenvolvimento, as carências no campo da saúde reprodutiva levam muitas mulheres a morrer durante o parto.



2

EDUCAÇÃO BÁSICA DE QUALIDADE PARA TODOS

Altingir o ensino básico universal

No mundo, 113 milhões de crianças estão fora da escola.



6

COMBATER A AIDS, A MALÁRIA E OUTRAS DOENÇAS

Combater o HIV/AIDS, a malária e outras doenças

Epidemias mortais vêm destruindo gerações em grandes regiões do mundo e cerceando qualquer possibilidade de desenvolvimento.



3

IGUALDADE ENTRE SEXOS E VALORIZAÇÃO DA MULHER

Promover a igualdade entre os gêneros e a autonomia das mulheres

Dois terços dos analfabetos do mundo são mulheres, e 80% dos refugiados são mulheres e crianças.



7

QUALIDADE DE VIDA E RESPEITO AO MEIO AMBIENTE

Garantir a sustentabilidade ambiental

Um bilhão de pessoas ainda não tem acesso à água potável.



4

REDUZIR A MORTALIDADE INFANTIL

Reduzir a mortalidade infantil

Todos os anos 11 milhões de bebês morrem de causas diversas.



8

TODO MUNDO TRABALHANDO PELO DESENVOLVIMENTO

Estabelecer uma parceria mundial para o desenvolvimento

Muitos países pobres gastam mais com os juros de suas dívidas do que com a superação de seus problemas sociais.

É a sociedade civil organizada que vem alertando há décadas – notadamente o Greenpeace – sobre as consequências dos nossos meios de produção e consumo, que extinguem espécies essenciais à diversidade e vitalidade dos ecossistemas, e assim inviabilizam a habilidade inerente da Natureza de sustentar a Vida.

Estados Unidos



Reino Unido



frança



Alemanha



Rússia



Brasil



Maurícius



China



Índia



Malawi



O gráfico ao lado, elaborado em 2006 pela New Economics e a The Open University, mostra, com base em pesquisas internacionais, que, se todos os países do mundo tivessem um nível de consumo como o dos Estados Unidos, seriam necessários recursos naturais equivalentes a **6 planetas Terra**, e se consumissem conforme os índices da Europa, precisaríamos de **4 planetas Terra**.

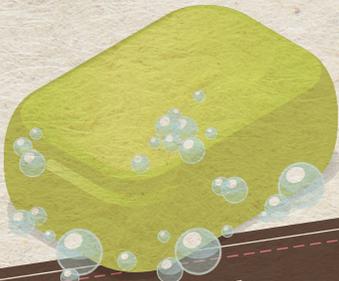
É também a sociedade civil organizada, junto às agências da Organização das Nações Unidas, que põe em evidência os abusos de poder, ou a ausência deliberada do mesmo, por parte dos Estados que patrocinam situações de franca violação dos direitos humanos ao incentivarem conflitos armados no seio de populações inteiras. Tais conflitos se traduzem em migrações em massa, campos de refugiados, miséria e a perda do princípio regulador de um senso de comunidade que confere identidade e pertença. Segundo o relatório de 2008 da organização não governamental Observatório de Direitos Humanos, espalhados em 86 países ou territórios do mundo há cerca de 300 mil meninos e meninas abaixo de 18 anos de idade envolvidos em ações militares na condição de soldados, escudos humanos, escravas ou escravos sexuais e espiões.

Estes números são estimativas, uma vez que os países envolvidos não mais permitem a presença de equipes das Nações Unidas ou do Observatório para estudar a situação das crianças desde que a Corte Penal Internacional condenou o líder político e comandante em chefe congolês Thomas Lubanga Dyilo com base em evidências colhidas pelas missões internacionais.

E, mais uma vez, no Brasil é a sociedade civil organizada em entidades como Voto Consciente e Transparência Nacional que, graças ao engajamento de uma mídia livre e competente, faz públicas as denúncias de corrupção, nepotismo, clientelismo, desvio e mal uso dos recursos financeiros do país por parte de partidos políticos e autoridades governamentais, cuja função é atender às necessidades e aspirações dos cidadãos que os sustentam com seu trabalho e pagamento de impostos.

O monitoramento dos serviços públicos por parte da sociedade está evidenciando a evolução de uma democracia meramente representativa para uma de cunho participativo e permanente, na qual o poder local emerge, conforme assinala o professor Ladislau Dowbor, *"como um grande agente de justiça social. É no nível local que se podem realmente identificar com clareza as principais ações redistributivas. Essas ações dependem vitalmente de soluções locais e momentos políticos, e as propostas demasiadamente globais simplesmente não funcionam, na medida em que enfrentam interesses dominantes organizados e complexidades políticas que inviabilizam os projetos"*. (Ladislau Dowbor, *Poder Local*, Editora Brasiliense, São Paulo, 1994.)

Em resumo, o livre fluxo da informação, impulsionado pelas tecnologias da comunicação, somada ao fracasso das ideologias do século passado em proporcionar justiça social, convivência pacífica, segurança humana, dignidade democrática e sustentabilidade ambiental, despertaram na sociedade civil uma nova percepção de si mesma. Dentro dessa visão, os cidadãos não mais aceitam ser apenas consumidores e produtores de bens – como abelhas em uma colmeia –, mas se reconhecem como portadores de liberdade e poder, com capacidade para oferecer soluções éticas e viáveis aos problemas que afetam a si próprios e suas comunidades; como dotados de reflexão e espírito crítico para deliberar sobre o papel das instituições políticas, econômicas e sociais para atenderem realmente ao bem comum; como depositários das aspirações civilizatórias consignadas na Declaração Universal dos Direitos Humanos; como legítimos integrantes de uma vocação de Vida que almeja ser reconhecida na sua singularidade e atendida nas suas necessidades inalienáveis.



pedagogia do sabão



Tião Rocha, educador, antropólogo, folclorista e mentor do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento, recebeu o Prêmio Empreendedor Social 2007 pela inovação, sustentabilidade e impacto social de suas ações pedagógicas iniciadas em Minas Gerais, hoje implementadas em sete estados brasileiros e adotadas em Moçambique e na Guiné Bissau, África.

Em 26 de novembro de 2007 a *Folha de S. Paulo* publicou uma entrevista com Tião Rocha, da qual transcrevemos um trecho:

Folha - E a pedagogia do sabão?

Rocha - Ela surgiu há 23 anos lá em Curvelo (MG). Eu fui chamado para interagir com as escolas públicas da prefeitura. Recebi uma pilha de relatórios. Todos listavam as necessidades: material de limpeza, água, comida e por aí vai.

Até que a dona Margarida, uma professora leiga, chegou perto de mim e falou: "*Na minha lista tem um bocado de coisa que eu posso fazer. Sabão, detergente*". Eu estranhei e perguntei como fazia sabão. Ela falou: "*Eu não acredito que um cara que estudou até na universidade não sabe fazer sabão*". Pois eu não sabia.

Logo ela contou que, para fazer sabão, não ia precisar de nada, pois tinha tudo na escola. Ora, e por que ela não fazia? "*Pode?*", ela perguntou. Eu respondi: "*Pode, pode tudo*".

Passadas umas duas semanas, o sabão que ela fez com os meninos da quarta série rendeu tanto que metade ficou para a escola e metade foi para as famílias dos meninos. Os pais queriam mais. E eu disse: "*Vai fazer sabão com eles*".

Passado um tempo, ela tinha feito 15 tipos de sabão: de abacate, de mamão, de pequi etc. Em três meses, eram 85 itens. Hoje são mais de 1.700 itens de tecnologia de baixo custo.

Depois eu percebi que aquilo tinha virado um pretexto para falar da vida. Passei a usar pretexto para as reuniões de comunidade: fazer sabão, fazer remédio etc. Virou um ritual em que as pessoas deixam um lugar de consumidor e passam a um lugar de produtor.

Comecei a adotar isso em tudo. Com os meninos do projeto Ser Criança, que eu juntei pela primeira vez há 22 anos lá em Curvelo, propus uma aposta: no dia em que a gente não conseguisse inventar os próprios brinquedos, eu começaria a comprar. Nunca perdi. O lixo limpo vira sucata, a sucata vira matéria-prima. Até que virou negócio, uma fábrica de brinquedos. A partir da pedagogia do sabão, criamos uma cooperativa que cria brinquedos.

rede de mulheres liberianas



Foto: Pewee Flomoku

Um outro exemplo do poder transformador que pode ter um pequeno grupo de pessoas mobilizadas por uma causa comum e dispostas a encontrar caminhos criativos para alcançar seus propósitos – mesmo que de início pareçam improváveis – aconteceu na Libéria, país da África Ocidental que durante décadas foi dilacerado por lutas entre facções e guerras civis.

Foi nesse cenário que cresceu e viveu Leymah Gbowee que, a partir de um sonho, conclamou as mulheres de sua igreja, a luterana, a se unirem para protestar e acabar com a luta fratricida que já havia consumido 200 mil vidas e deixado mais de um milhão de refugiados. As adesões começaram a alimentar suas esperanças. Então foi ao encontro das mulheres muçulmanas e, juntas, criaram em 2002 a Ação em Massa das Mulheres Liberianas pela Paz. Vestindo camisetas brancas com mensagens de paz, saias e turbantes brancos, sem joias, sem penteados, iam às igrejas, mesquitas, ruas, mercados, e sentavam-se dias a fio – sob sol e chuva – em frente à Embaixada dos Estados Unidos, em frente à casa do então presidente da Libéria, “armadas” apenas com seus cartazes, petições, abaixo-assinados e as mensagens de suas camisetas. Sem parar, elas cantavam – cantavam pela dignidade e o futuro de suas crianças. Faziam comida e distribuíam aos refugiados de seu próprio país, convidando

as mulheres a tomarem para si a tarefa da paz.

Leymah Gbowee desafiou até os negociadores do escritório da ONU, exigindo estabelecer com eles uma parceria, ciente de que não conheciam a realidade e a cultura locais. Quando as tropas rebeldes chegaram à capital e os partidos políticos negociavam em Gana, ela organizou com suas mulheres um cerco ao edifício onde deliberavam os líderes, para impedir que sãisse ou entrasse qualquer um antes de chegarem a um acordo de paz. Elas construíram uma parede humana. Um guarda veio prender Leymah e ela desatou o turbante ameaçando despir a roupa, o que na Libéria equivale a uma maldição. O guarda voltou atrás. Os líderes foram forçados a chegar a um acordo, e formou-se um governo de transição.

Em 2005, com mais de 60% dos votos, Ellen Johnson-Sirleaf tornou-se a primeira mulher a ser eleita presidente em toda a África e, obviamente, na Libéria. Leymah Gbowee é hoje Diretora Executiva do Women Peace and Security Network for Africa, e consultora da presidente para assuntos de reconstrução democrática do seu país.

Moral da história: contrariando o senso comum, às vezes uma andorinha faz verão!

transformação de uma cultura de violência em uma cultura de convivência



"O primeiro princípio da ação não violenta é a não cooperação com tudo que é humilhante."

Mahatma Gandhi

Em tempos como estes, que valorizam a novidade, que oferecem inovações, que vendem o último modelo, onde tudo se produz com data de validade para poder promover novas ofertas e com elas novos lucros, é razoável perguntar-se: qual a direção dessas mudanças, que horizonte impulsiona esse fenômeno exponencial de criatividade cognitiva e mobilização cívica?

Os fatos são reveladores: a necessidade de sobrevivência da nossa espécie! Washington Novaes, destacado jornalista que há décadas se dedica às questões ambientais, manifestou sua perplexidade em artigo publicado em *O Estado de São Paulo* de 10 de outubro de 2008. Nele alerta sobre a alienação de políticos e economistas que visam atenuar as consequências da crise financeira global sem considerar as urgências de ordem ecológica, visto que o consumo humano ultrapassou em 25% a capacidade de reposição dos recursos naturais. Fazendo eco a esta advertência, Leonardo Boff, em artigo recentemente

veiculado pela internet (15 de abril de 2009), salienta:

■ "O caminho mais curto para o fracasso de todas as iniciativas visando sair da crise sistêmica é esta desconsideração do fator ecológico. Ele não é uma 'externalidade' que se pode tolerar por ser inevitável. Ou lhe conferimos centralidade em qualquer solução possível ou então teremos que aceitar o eventual colapso da espécie humana. A bomba ecológica é mais perigosa que todas as bombas letais já construídas e armazenadas".

É natural e louvável que todos os governos queiram envidar esforços para ver crescer o PNB (Produto Nacional Bruto) ou a sua versão doméstica, o PIB (Produto Interno Bruto) de seus países, mas isso já não é possível ignorando o impacto sobre a natureza e a totalidade da população humana no planeta, ou seja, exacerbando a desigualdade social e a degradação ecológica. As estatísticas de crescimento econômico não especificam a diferença entre atividade econômica benéfica e aquela que provoca danos;

ao não atribuir valor ao “capital natural”, contabilizamos sua destruição como ganho econômico. Lester Brown, há mais de 20 anos, apresentou o conceito de sustentabilidade ecológica, ponderando que uma sociedade sustentável é aquela que é capaz de satisfazer suas necessidades sem diminuir as chances das gerações futuras. E temos de reconhecer – ainda que com grande pesar – que a herança ou patrimônio natural que estaremos deixando para nossos descendentes é bem menor e mais insalubre do que aquele que recebemos.

Além do mais, cabe lembrar que nem tudo o que cresce merece celebração. Nos Estados Unidos um dos setores que mais cresce é o sistema prisional e a indústria da segurança. Esta última, no Brasil, tornou-se um dos investimentos mais lucrativos e confiáveis, seja pelo incremento de serviços (guardas, seguranças, acompanhantes) quanto de equipamentos (carros blindados, sistemas de monitoramento e de informação). A indústria farmacêutica também mostra altos índices de crescimento, sobretudo através da proliferação de antidepressivos, bloqueadores do apetite e ansiolíticos. ■ “Um sistema econômico criado e gerenciado para gerar lucros aos acionistas das empresas” – alerta o renomado economista David Korten – “coloca um fardo esmagador sobre a maioria dos cidadãos”, cuja aspiração geral é criar famílias e comunidades afáveis, em um meio ambiente sem ameaças e com políticas públicas que ofereçam serviços de educação, saúde e cultura de boa qualidade.

Em 1968, em plena campanha presidencial, Robert Kennedy levantou questões que ainda surpreendem pela sua atualidade: ■ “Em demasia e por tempo demais parece que abrimos mão da excelência e dos valores da comunidade pelo mero acúmulo de bens materiais [...] O PNB não mede nossa esperteza, nem nossa coragem, nem nossa sabedoria, nem nosso aprendizado, nem nossa compaixão nem nossa devoção por nosso país. Resumindo,

ele mede tudo, menos aquilo que faz a vida valer a pena”.

A simetria entre crescimento econômico e senso de bem-estar não se sustenta, e a supremacia da economia sobre as outras atividades da vida está fadada ao fracasso, pois as necessidades fundantes da Vida têm a ver com estabelecer relações saudáveis e contínuas, o que para os humanos significa ser acolhido e reconhecido, criar redes de confiabilidade mútua onde emergem a empatia, a identidade e o sentido de comunidade.

Um número significativo de economistas, cientistas sociais e ambientalistas vem mostrando as distorções da realidade que esses indicadores de desenvolvimento apresentam, e algumas alternativas despontam de maneira promissora, notadamente o Indicador de Progresso Genuíno (GPI – Genuine Progress Indicator), que está sendo aplicado na condição de projeto-piloto no Canadá; ou ainda o FIB – Felicidade Interna Bruta, índice criado no Butão, que leva em consideração o desenvolvimento integral, isto é: bom padrão de vida, educação e saúde de qualidade, vitalidade comunitária, proteção ambiental, acesso à cultura, gestão apropriada do tempo e bem-estar psicológico.

É sobre esta perspectiva que vemos crescer o número de contribuições por parte de cientistas, intelectuais, artistas, empresários, jovens, comunidades transnacionais que congregam seus conhecimentos, entusiasmo, recursos financeiros e tempo para ampliar a percepção sobre os enormes desafios de ordem estrutural que atingem, sem exceção, os quatro cantos do planeta, visto que esta terra de ninguém é a terra de todos enquanto comunidade de vida e de destino.

Já se disse que não é possível resolver um problema partindo das mesmas variáveis e com os mesmos arranjos que lhe deram origem ou, nas palavras de Edgar Morin:

■ “é necessário mudar nossa maneira de pensar” para oferecer futuro ao futuro e dignidade ao nosso presente.



o manifesto 2000

Sob essa mesma perspectiva é que a Assembleia Geral das Nações Unidas proclamou o ano 2000 como Ano Internacional por uma Cultura de Paz (Resolução de 20 de novembro de 1997), e a década 2001-2010 como a Década Internacional para uma Cultura de Paz e Não Violência para as Crianças do Mundo (Resolução de 10 de novembro de 1998), delegando à UNESCO a responsabilidade de promover e articular a campanha mundial que hoje congrega milhares de iniciativas no mundo todo, tornando-se um dos mais bem-sucedidos programas dessa agência.

O lançamento da campanha contou com o impulso do Manifesto 2000, concebido por um grupo de laureados com o Prêmio Nobel da Paz que, reunidos em Paris para as comemorações do 50º aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos, propuseram um repertório de valores, atitudes e comportamentos norteadores da vida cotidiana que viabilizam relacionamentos saudáveis na esfera interpessoal, familiar, profissional, social e planetária. É um convite pessoal de compromisso que tem como mote "**A Paz está em Nossas Mãos**", evidenciando o poder e a responsabilidade de cada pessoa na construção do público e, conseqüentemente, do bem comum. Esse convite se expressa através de 6 princípios, descritos na página ao lado:



1.

Respeitar a vida

Respeitar a vida e a dignidade de cada ser humano sem discriminação nem preconceito.

2.

Rejeitar a violência

Praticar a não violência ativa, rejeitando a violência em todas as suas formas: física, sexual, psicológica, econômica e social, em particular contra os mais desprovidos e os mais vulneráveis, como crianças e adolescentes.

3.

Ser generoso

Compartilhar meu tempo e meus recursos materiais no cultivo da generosidade e pôr um fim à exclusão, à injustiça e à opressão política e econômica.

4.

Ouvir para compreender

Defender a liberdade de expressão e a diversidade cultural privilegiando sempre o diálogo sem ceder ao fanatismo, à difamação e à rejeição.

5.

Preservar o planeta

Promover o consumo responsável e um modo de desenvolvimento que respeitem todas as formas de vida e preservem o equilíbrio dos recursos naturais do planeta.

6.

Redescobrir a solidariedade

Contribuir para o desenvolvimento da minha comunidade, com a plena participação das mulheres e o respeito aos princípios democráticos, de modo a criarmos juntos novas formas de solidariedade.

A própria logomarca da campanha internacional resultou da seleção entre mais de 240 propostas de todo o mundo, e fruto da parceria que estabeleceram a artista alemã Bárbara Blickle e o desenhista gráfico Luis Sarda Abreu, de origem espanhola. No processo de criação foi contemplado o uso de cores e pigmentos naturais, coerente com os princípios de simplicidade e sustentabilidade ambiental preconizados pelo Manifesto 2000 e, apesar das múltiplas interpretações que a imagem oferece, a intenção dos artistas é mostrar o vínculo, a troca, o encontro de duas mãos que se abrem na confiança e acolhimento mútuo, onde a mão simboliza a Terra e os dedos, cada um dos continentes.

Entretanto, é importante salientar que este movimento encontra seus antecedentes na própria carta constitutiva da UNESCO e nas conclusões de encontros internacionais, fóruns de debates acadêmicos e publicações oriundas dos mais diversos setores da sociedade, que são unânimes quanto à necessidade de mudança, cuja fórmula paradigmática se expressa na transição de uma cultura de guerra, pautada pelas múltiplas formas de violência – direta, estrutural e cultural – para uma cultura de paz, pactuada no compromisso com todos os direitos humanos, isto é, individuais, sociais e internacionais, no seu caráter de unidade e indivisibilidade, tal como expresso na sua proclamação de 1955 pelas Nações Unidas: **“Todos os direitos devem ser desenvolvidos e protegidos. Na ausência dos direitos econômicos, sociais e culturais, os direitos civis e políticos correm o risco de ser puramente nominais; na ausência dos direitos civis e políticos, os direitos econômicos, sociais e culturais não poderão ser garantidos por muito tempo”.**

A fim de acolher as iniciativas desencadeadas pelos movimentos da sociedade civil, que reivindicam prioritariamente justiça social e proteção ambiental, o Programa de Ação pela Cultura de Paz das Nações Unidas adotou, em resolução de 13 de setembro de 1999, oito áreas de atuação a serem implementadas através de políticas públicas, com a participação das agências internacionais e organizações não governamentais. Estas últimas, já



na época, evidenciavam um grande poder mobilizador, aglutinador e transformador.

Essas áreas são:

1. *Cultura de Paz através da Educação*
2. *Economia Sustentável e Desenvolvimento Social*
3. *Compromisso com todos os direitos humanos*
4. *Equidade entre os Gêneros*
5. *Participação Democrática*
6. *Compreensão – tolerância – Solidariedade*
7. *Comunicação Participativa e livre fluxo de informações e Conhecimento*
8. *Paz e Segurança Internacional*

Um dos primeiros documentos internacionais a salientar a mudança conceitual da Paz e as implicações disso na formulação das agendas e prioridades dos governos é a Conferência Internacional sobre Paz na Mente dos Homens, convocada pela UNESCO e realizada em Yamoussoukro, na Costa do Marfim, em julho de 1989. Nele aparece a expressão “cultura de paz” pela primeira vez e, nesse sentido, podemos afirmar que se trata de um texto seminal pela abrangência e oportunidade de suas propostas. Transcrevemos a seguir o programa de ação:

- Ajudar na construção de uma nova visão de paz, desenvolvendo uma cultura de paz baseada nos valores universais de respeito à vida, liberdade, justiça, solidariedade, tolerância, direitos humanos e igualdade entre mulheres e homens.
- Aumentar a consciência do destino comum de toda a humanidade para fomentar a implementação de políticas comuns que assegurem justiça nas relações entre seres humanos e uma parceria harmoniosa entre humanidade e natureza.
- Incluir elementos de paz e direitos humanos como características permanentes em todos os programas educacionais.
- Encorajar ações coordenadas em nível internacional para gerenciar e proteger o meio ambiente, e assegurar que as atividades praticadas sob a autoridade ou o controle de um Estado em particular não comprometam a qualidade ambiental de outros Estados nem causem dano à biosfera.

A manifestação da necessidade de “construção de uma nova visão de paz” expressa a insuficiência que o termo paz ainda carrega para o senso comum. Não é a ausência da guerra que valida a presença da paz; é bom lembrar que ditaduras e regimes totalitários, autoritarismos e colonialismos eliminam de início qualquer tipo de confronto ou de conflito. “Para que haja paz” – propõe o sociólogo e pioneiro nas dinâmicas transformadoras de conflitos John Paul Lederach – “não basta ausência de violência, é necessária a presença de uma interação e inter-relação positiva e dinâmica, o apoio mútuo, a confiança, a reciprocidade e a cooperação”. Nessa mesma direção, Johan Galtung afirma que a paz é ausência das múltiplas expressões da violência e, portanto, “é a condição que permite aos conflitos serem transformados de maneira criativa e não violenta”, validando o conflito como inerente à experiência relacional humana fundada em bases democráticas – único espaço possível para a não violência. Para este autor, junto à violência direta existem outras formas de violência que se originam das estruturas sociais, políticas e econômicas, ou da própria cultura (machismo, racismo etc.) que, por sua vez, precipitam e legitimam a violência direta.

bumerangue como ponto de partida

Na atualidade os pesquisadores preferem falar de violências, no plural, assinalando a complexidade e a multicausalidade que caracteriza a ocorrência.

Para de chorar, moleque!

Quer levar mais uns tapas? Quantas vezes tenho que dizer que não se fala com a boca cheia, que isso é coisa de gente ignorante, mal educada, desclassificada... Para que gasto fortunas em colégio particular, inglês, natação? Pra ver você comer que nem um porco e estragar meu jantar todos os dias? Você é um imprestável. Vai pro seu quarto sem jantar e vê se aprende a se comportar à mesa.

Violência direta – física e psicológica. Levantamentos recentes do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) revelam que cerca de 20% das crianças e adolescentes sofrem violência física, e 80% dos agressores são seus próprios pais.

tenho o número 128 e acabaram de chamar o 53.

Faz quatro horas que estou esperando e não aguento mais de dor. Minha perna deve estar quebrada, porque está ficando fria e roxa. Sei que já te pedi duas vezes para ser encaminhada a um outro hospital ou qualquer outro lugar, mas... — **Minha Senhora, o ortopedista ainda não chegou e a gente não pode fazer nada neste posto de saúde porque todos os médicos estão ocupados. A senhora tome um copo de água e se acalme. O especialista deve chegar a qualquer momento.**

Violência estrutural. A naturalização das desigualdades socioeconômicas e seu consequente acesso a serviços de proteção integral, não tornam visível que situações como a relatada acima sejam uma violação à dignidade humana. Vale lembrar que o artigo 25 da Declaração Universal dos Direitos Humanos reza: "Toda pessoa tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, e direito à segurança em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência fora de seu controle".

Aqui quem fala é a comandante Maria Cristina Oliveira,

que lhes dá as boas-vindas e informa que nosso tempo de voo até Cuiabá será de 2 horas e 40 minutos. Estamos voando a uma altitude de... — **Você escutou? Quem está pilotando o avião é uma mulher! O que é isso... Como não informaram antes? Que tipo de companhia aérea é esta? Parece brincadeira. Se eu soubesse teria mudado de avião! Espera só, quando chegarmos vou fazer um escarcéu. Justo hoje que queria ficar sossegado e me concentrar durante o voo para fechar o negócio das fazendas! Aperta o cinto!**

Violência cultural. A mais disseminada e invisível das violências, que se perpetua e reproduz através dos preconceitos, causadores de discriminação e exclusão que resultam em violência. Os múltiplos preconceitos de gênero, de cor, de classe, de religião etc., concretizam-se como uma forma simbólica de pensar e agir na qual se legitima o menosprezo, a manipulação, a subordinação e segregação de outro ou outros, a partir de um sentimento de superioridade autocentrado — e nunca verificado!

Eis a razão pela qual precisamos alargar e aprofundar a compreensão da paz como um imperativo individual e coletivo que viabilize a convivência, ao acolher o outro ou outros na sua dignidade e singularidade, através de políticas públicas de franca inclusão social e abertura de oportunidades para o protagonismo juvenil; de um setor empresarial operante e sensível às causas ecológicas e sociais e, ainda, do engajamento da comunidade acadêmica para desenvolver conhecimentos em torno das novas tecnologias de convivência, com o objetivo de disseminar práticas potencializadoras da empatia, do diálogo, da solidariedade, da comunicação não violenta, dos jogos e dinâmicas de cooperação, ética relacional e sustentação das reciprocidades, filosofia em ação, poder vinculante das rodas de conversa e qualificação da escuta... enfim, do poder de prevenção, intervenção e transformação que oferece a não violência como estratégia de vida.

a Cultura de Paz entra em cena

Os estudos sistemáticos sobre a Paz são relativamente novos no cenário da nossa história: iniciaram na metade do século passado, com a criação do Institut Français de Polémologie, o Laboratório de Pesquisa da Paz de Theodore Lenz, em Saint Louis; com a difusão do Journal of Conflict Resolution na Universidade de Michigan, em 1957, e a fundação encabeçada por Johan Galtung do Instituto de Investigação para a Paz em Oslo, Noruega, em 1959. Um aporte significativo na América Latina é a Universidad para la Paz, estabelecida em 1980 na Costa Rica – com base em Resolução da Assembleia Geral da ONU – com a missão de oferecer programas de educação superior e laboratórios de pesquisa para compartilhar conhecimentos que promovam a paz.

Cada uma destas iniciativas pioneiras tem sua própria agenda, que enfatiza ora a macropolítica, ora a vida de comunidades tradicionais ameaçadas pela globalização. Entretanto, convergem seus esforços para evidenciar que as violências são culturalmente perpetuadas e legitimadas pela incapacidade de percebê-las, pela omissão ou pela aceitação de condições aviltantes como sendo inerentes à natureza humana, o que as torna falsamente inevitáveis. Por outro lado, estimulam a criatividade em busca de novos olhares e repertórios comportamentais que salientam a afetividade e o cultivo de vinculação significativa, que constituem, em resumo, o fundamento do humano.

Para o educador Xesús Jares, ■ "em contraposição a uma cultura de indiferença, de desvalorização, de individualismo, de sucesso e enriquecimento pessoal a qualquer preço, uma cultura de paz assenta-se no compromisso social, na ternura

dos povos, na solidariedade. Estes pilares têm um valor agregado: o de possibilitar a cada cidadão a aprendizagem do prazer de compartilhar, de cooperar, de ser solidário e feliz com isso" (Xesús Jares, *Educar para a paz em tempos difíceis*, Palas Athena Editora, São Paulo, 2007).

As propostas da Conferência Internacional sobre a Paz na Mente dos Homens tiveram como baliza os resultados de um outro encontro notável, promovido pela UNESCO, dessa vez entre cientistas sociais, psicólogos, biólogos, etologistas, neurofisiologistas e geneticistas, que se reuniram em Sevilha, Espanha, em 1986, para debater sobre as causas da violência e os pressupostos científicos que a naturalizam. As conclusões foram inesperadas e tiveram grande repercussão, pelo fato do prestígio que tem o saber científico no âmbito dos conhecimentos. Transcrevemos, a seguir, alguns trechos das conclusões dessa que recebeu o nome de Declaração de Sevilha sobre a Violência:

■ "[...] É cientificamente incorreto dizer que herdamos uma tendência a fazer a guerra de nossos ancestrais animais [...] É cientificamente incorreto dizer que a guerra, ou qualquer outro comportamento violento, é geneticamente programado na natureza humana. Embora os genes estejam envolvidos em todos os níveis do funcionamento cerebral, eles oferecem um potencial de desenvolvimento que só pode ser concretizado em conjunto com o meio ecológico e social. [...] É cientificamente incorreto dizer que no curso da evolução humana houve uma seleção de comportamentos agressivos mais do que de outros tipos de comportamento. Em todas as espécies que foram bem estudadas, o *status* dentro do grupo é atingido pela habilidade de cooperar

e preencher certas funções sociais relevantes à estrutura daquele grupo. [...] É cientificamente incorreto dizer que os humanos têm um 'cérebro violento'. Embora tenhamos o aparato nervoso para agir violentamente, esta reação não é automaticamente ativada por estímulos internos ou externos. [...] É cientificamente incorreto dizer que a guerra é causada por 'instintos' ou por qualquer motivação isolada. O surgimento da guerra moderna foi uma história que nos levou da supremacia de fatores emocionais e motivacionais, por vezes chamados 'instintos', até a supremacia de fatores cognitivos."

É oportuno salientar aqui a diferença de significado que há entre violência e agressividade. Para Jean Marie Muller, filósofo francês que se dedica ao estudo das alternativas não violentas de transformação social, a palavra agressão deriva do latim *aggredi*, cuja raiz denota "andar em direção a", "dirigir-se a", portanto, é a capacidade de enfrentar desafios, de vencer o medo paralisante e de afirmar nossa posição diante de situações de dominação ou que nos fragilizam. Todos os seres vivos dispõem de mecanismos de defesa para dar conta da sua sobrevivência e, nesse sentido, podemos afirmar que têm uma agressividade inerente. Em contrapartida, a violência é "abusar de alguém e violar esse alguém. Toda violência contra um ser humano é uma violação do corpo, da identidade, da personalidade, da humanidade daquela pessoa [...]"

A violência acontece quando uma pessoa se recusa a deixar que seu desejo seja circunscrito pela realidade, ou frustrado pela existência do outro" (Jean Marie Muller, *Não violência na educação*, Palas Athena Editora, São Paulo, 2007).

Outra confusão conceitual – muito frequente – é a que encontramos entre paz e passividade. Esta última exprime a incapacidade para autodeterminar-se, para assumir as próprias convicções, atitudes e valores frente a adversidades ou quando confrontado por outros. É ausência de assertividade, refúgio na apatia e na resignação, por conseguinte, carece da energia necessária para criar justiça, respeito e dignidade – elementos constitutivos de relacionamentos fundados na paz que, na visão de Gandhi, é a oportunidade de desenvolvimento de todo o capital e potencial humanos.

Neurocientistas afirmam, após pesquisas da última década, que a qualidade de vínculo que se estabelece nos primeiros anos de vida tem uma influência decisiva no desenvolvimento das estruturas do cérebro responsáveis pelo funcionamento social e emocional no decorrer da vida. Boris Cyrulnik, neuropsiquiatra e presidente do Observatório Internacional da Resiliência, observa que: ■ "É de fato o meio que modela a massa cerebral e dá forma ao que, sem ele, não passaria de um ajuntamento informe. É sob o efeito das interações precoces que o cérebro adquire um modo de ser sensível ao mundo e um modo de reagir a ele" (*De corpo e alma – A conquista do bem-estar*, Martins Fontes, São Paulo, 2009). Reiterando o poder que o meio exerce, a Dra. Penélope Leach diz que as faculdades mais importantes da mente estão enraizadas nas experiências emocionais desde o começo da vida e ■ "ter as necessidades atendidas, pronta e amorosamente, no decorrer das primeiras semanas e dos primeiros meses ensina aos bebês que esse novo mundo e seus adultos são dignos de confiança; e essas primeiras lições formam a base da confiança deles nos outros e em si mesmos, da infância até a velhice" (*Honrar a criança*, Instituto Alana, São Paulo, no prelo).

São os vínculos afetivos, o sentimento de significância e pertencimento que vão favorecer o pleno desenvolvimento das capacidades com que a criança chega ao mundo. Ela vem em absoluta dependência, e precisa da dedicação dos pais ou cuidadores durante anos a fio até adquirir competências que lhe proporcionem autonomia. A qualidade do ambiente físico, psicológico e social serão as referências diretas que lhe permitirão concluir se está em um espaço amigável ou hostil. Neste último caso, desenvolverá mecanismos de defesa, de compensação e de autoafirmação que, via de regra, adquirem a linguagem do retraimento, do isolamento, da agressão e até da violência. ■ "Para nos tornarmos inteligentes, temos de ser amados", diz Cyrulnik. E o amor é a experiência radical da nossa humanização.

Um outro documento seminal foi o elaborado a partir do Primeiro Fórum Internacional sobre a Cultura de Paz, também convocado pela UNESCO, que se realizou em El Salvador, em 1994, onde encontramos a associação de direitos humanos e paz, partindo da premissa de que só é possível a implementação dos primeiros num contexto onde se afirma a última; isto é, a paz exige a realização e proteção das necessidades básicas que estão garantidas pelos direitos humanos. Não há paz na dominação, na discriminação, na exclusão. A seguir transcrevemos algumas das conclusões gerais desse documento:

a) O objetivo de uma cultura de paz é assegurar que os conflitos inerentes ao relacionamento humano sejam resolvidos de forma não violenta, com base nos valores tradicionais de paz, incluindo-se a justiça, liberdade, equidade, solidariedade, tolerância e respeito pela dignidade humana.

b) A paz e os direitos humanos são indivisíveis e dizem respeito a todos. Um princípio norteador da paz é que os direitos humanos devem ser respeitados e garantidos – não só os direitos civis e políticos, mas também os direitos econômicos, sociais e culturais. [...]

c) A implementação de uma cultura de paz requer uma mobilização universal de todos os meios de comunicação e educação, formais e informais. Todas as pessoas deveriam ser educadas nos valores básicos da cultura de paz. Este deve ser um esforço conjunto que inclui cada uma e todas as pessoas da sociedade.

d) Uma cultura de paz requer aprendizado e uso de novas técnicas para o gerenciamento e resolução pacífica de conflitos. As pessoas devem aprender como encarar os conflitos sem recorrer à violência ou dominação e dentro de um quadro de respeito mútuo e diálogo permanente.

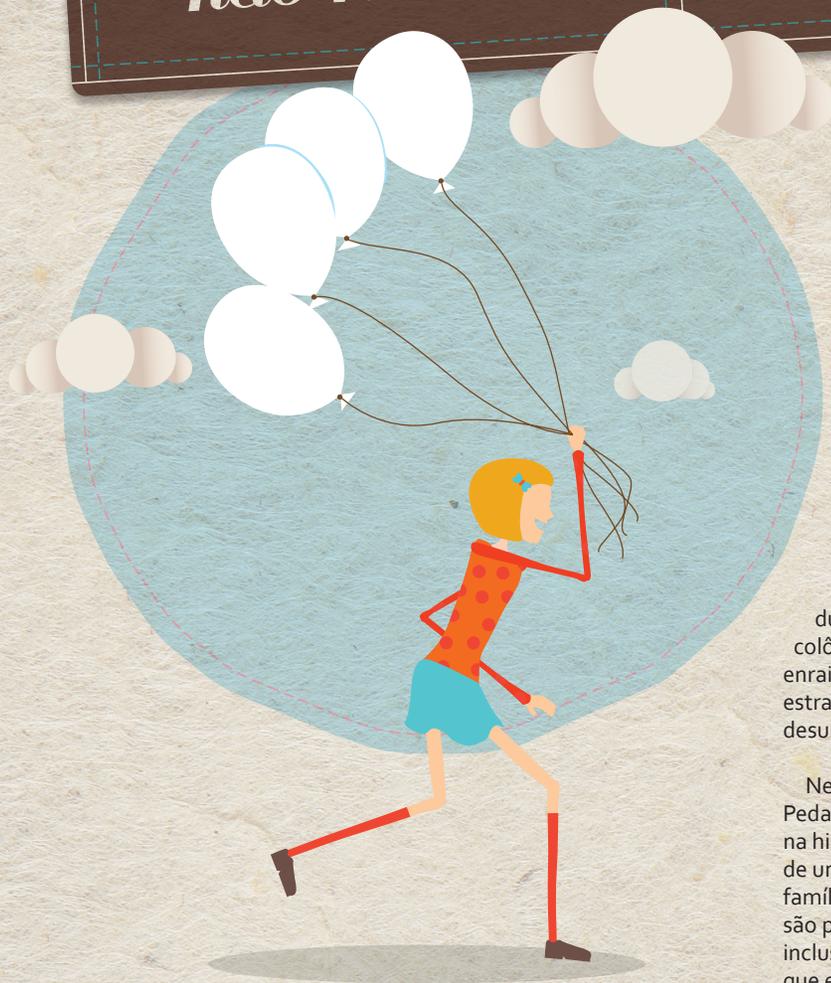
Os itens “a” e “d” mencionam a necessidade de aprender a gerenciar conflitos, e que estes são inerentes ao relacionamento humano e, portanto, naturais, necessários e potencialmente positivos, tanto para os indivíduos quanto para os grupos sociais. Porém, está não é a percepção tradicional de conflito: o senso comum ainda o considera como negativo, algo que deve ser evitado, ocultado, algo indesejável que acarreta desgraça, que mostra disfuncionalidade nos relacionamentos e perturba a estabilidade do convívio. Obviamente que estas apreciações são decorrentes do autoritarismo, patriarcalismo, das hierarquias rígidas e do pensamento único. Num mundo plural, democrático e dinâmico os conflitos são sinais de abertura, disposição a uma aprendizagem permanente e aceitação da complexidade que legitima a incerteza, a mudança e a falibilidade.

Para Celestino Arenal, o conflito é **“um processo natural e necessário em toda sociedade humana, é uma das forças propulsoras de mudança social e um elemento criativo essencial nos relacionamentos humanos”**. Sem conflitos, sem confrontação de interesses, valores, normas e procedimentos não haveria espaço para a renovação e inovação, ou seja, para a possibilidade de melhora e avanços que resultam em evolução.

A questão, portanto, não está na eliminação dos conflitos, mas no modo como são regulados e resolvidos, daí a necessidade de aprender a gerenciá-los, conforme proposta do documento de El Salvador, de maneira construtiva e não violenta. Vale dizer que a eliminação do conflito é uma violência, na medida em que busca silenciar o interlocutor que não concorda com as opiniões, valores, metas ou interesses de uma das partes. Ou ainda de ambas as partes, por exemplo, quando os pais mandam seus filhos calarem a boca ao verem que estão envolvidos em um conflito.

Princípios da não violência

Gandhi dizia que um conflito foi resolvido segundo os princípios da não violência quando não deixar nenhum rancor entre os oponentes e os converta em amigos.



É unânime entre os estudiosos e pesquisadores da Paz que Gandhi abriu um precedente único no âmbito das estratégias políticas oferecendo um binômio poderoso e eficaz: o compromisso com a verdade (satyagraha) e a não violência (ahimsa), que para ele eram as duas caras de uma mesma moeda.

Mesmo franzino, tímido e inseguro, com poucos amigos e fortes laços familiares, sem grandes talentos ou inclinações para o estudo, Gandhi tornou-se o mais improvável dos líderes do século XX. Nascido numa sociedade que aclamava a obediência, a submissão e o respeito às tradições ancestrais como objetivos naturais da vida pública e privada, quebrou o elo da dominação externa que durante trezentos anos manteve a Índia na condição de colônia britânica e, ao mesmo tempo, aboliu costumes enraizados na sua cultura que perpetuavam uma sociedade estratificada em castas que legitimavam superstições desumanas.

Nesse sentido, podemos afirmar que Gandhi foi o grande Pedagogo de seu povo e do mundo, pois sua participação na história transforma a percepção do papel de um político, de um cidadão comum e, igualmente, de pai/mãe de família. As injustiças impostas a uma comunidade ou nação são perpetradas por alguns, mas sustentadas por todos, inclusive pelos oprimidos. Esta é a grande descoberta que ele nos oferece: vítima e carrasco se alimentam mutuamente.

Para combater a injustiça é necessário autoeducar-se, isto é:

1) reconhecer que qualquer situação de violação de direitos se perpetua unicamente se há cooperação por parte dos oprimidos, o que quer dizer que aceita a opressão como fatalidade ou condição natural da existência;

2) mudar a atitude interna de passividade, gerando respeito próprio, dignidade e coragem;

3) ter a determinação para deixar de obedecer e submeter-se, apesar das represálias que isso possa acarretar.

Portanto, para Gandhi, a não cooperação com o ignominioso é um dever. Mas um dever cujo cumprimento pode realizar-se unicamente por meios não violentos. Sejam quais forem os instrumentos usados para acabar com a exploração e as injustiças, eles têm de estabelecer um compromisso com a não violência (ahimsa) – princípio soberano de transformação pessoal e social – cujo propósito é restaurar a dignidade tanto do agressor como da vítima. Consequentemente, a ação reparadora deve estar dirigida à agressão e nunca ao agressor.

Nesse sentido, a não violência é uma linguagem, uma modalidade de ser e de estar no mundo que se aprende com a prática, com o exercício cotidiano inspirado no compromisso de não causar sofrimentos gratuitos nem alimentar ressentimentos. Se o que se busca é estabelecer relações mais justas e solidárias, então é necessário concentrar o poder reparador da ação na própria situação que gerou e sustenta o conflito. Inverter a situação entre opressor e oprimido, tornando este último ganhador e o outro perdedor, seria inútil porque preserva o círculo vicioso de vingança que retroalimenta vítima e carrasco, corrompendo e bestializando a ambos.

É oportuno lembrar que Gandhi testou suas ideias nos tribunais, em meio a manifestações populares inflamadas, no cárcere junto a dissidentes políticos, entre parlamentares e até com representantes da coroa britânica. Não é um teórico nem um acadêmico, mas um político, um cientista social e articulador paciente e persistente. Tampouco é um romântico que ignora a sedução que exerce em todos nós a sede de poder, de reconhecimento e de riquezas.

A paz para Gandhi é a condição na qual é possível desenvolver todo o potencial humano, promover a

autorrealização individual e fortalecer o sentimento de comunidade entre os seres vivos. Isso não exclui o conflito. Muito pelo contrário, ele é necessário para legitimar a pluralidade de ideias e a diversidade cultural que, em mútua fecundação e tensão criativa, permitem levantar questões novas, oferecendo respostas originais que mantêm aberto o caminho de aperfeiçoamento progressivo das relações democráticas.

A experiência viva de Gandhi foi continuada por quase todos os “revolucionários” pacifistas do século XX. Notadamente, Martin Luther King Jr., Desmond Tutu, Nelson Mandela, o Dalai Lama, Vaclav Havel e outros, cujas ações construtivas na esfera econômica, social, política, cultural e religiosa afirmam os princípios mais elevados do Amor e a Justiça.

A atualidade de suas experiências está evidenciada no fato de ser referência unânime em todos os estudos e pesquisas contemporâneas sobre cultura de paz, mediação de conflitos, autogestão/empoderamento, diálogo inter-religioso, simplicidade voluntária e responsabilidade social. Atualidade endossada nas palavras de Martin Luther King Jr.:

■ “Gandhi era inevitável. Se a humanidade há de progredir, não poderá esquecer Gandhi. Ele viveu, pensou e agiu inspirado pela visão da humanidade evoluindo para um mundo de paz e harmonia. Se ignorarmos os seus ensinamentos, não poderemos nos queixar”.

Hoje dispomos de diversas teorias acerca do conflito, sua abordagem e encaminhamento; igualmente há vários modelos de mediação, tanto no espaço jurídico como no da Psicologia, havendo uma crescente aplicabilidade no escopo das famílias, comunidades, escolas, empresas, ações trabalhistas, penais, internacionais e ambientais. A contribuição que o prof. John Paul Lederach nos oferece vai além da resolução de conflitos que, na sua avaliação, busca proporcionar ■ “no curto prazo um alívio para a dor e ansiedade através da negociação de respostas aos problemas prementes. Essas respostas podem não abordar o contexto e padrões mais profundos presentes nos relacionamentos que geraram o conflito”. Ele propõe a via de transformação de conflitos que, sendo de longo prazo, busca uma mudança construtiva mais profunda, que torna visíveis padrões relacionais, de onde emergem os conflitos. Na próxima página, eis o quadro de processos construtivos e criativos que assinala sua teoria:

Objetivos de mudança da transformação de conflitos

1.

Pessoal

- Minimizar os efeitos destrutivos do conflito social e maximizar o potencial de crescimento e bem-estar da pessoa enquanto ser humano individual nos níveis físico, emocional, intelectual e espiritual.

3.

Relacional

- Minimizar a comunicação disfuncional e maximizar o entendimento.
- Trazer à tona e trabalhar os medos e esperanças em relação às emoções e à interdependência no relacionamento.

2.

Estrutural

- Compreender e tratar as causas subjacentes e condições sociais que dão origem à expressão violenta ou nociva do conflito.
- Promover mecanismos não violentos que reduzam o confronto entre antagonistas e diminuam a violência, por fim eliminando-a.
- Fomentar o desenvolvimento de estruturas que atendam às necessidades humanas básicas (justiça substantiva) e maximizem a participação popular em decisões que afetam suas vidas (justiça procedimental).

4.

Cultural

- Identificar e compreender os padrões culturais que contribuem para o aumento das expressões violentas do conflito.
- Identificar e construir, a partir de recursos e mecanismos do próprio contexto cultural, reações construtivas para lidar com o conflito.

Fonte: John Paul Lederach, *Pequeno livro de transformação de conflitos*, Palas Athena Editora, São Paulo, no prelo.

O mundo escreve uma carta

A Comissão Mundial de Meio Ambiente e Desenvolvimento das Nações Unidas recomendou, em 1987, a criação de uma declaração universal sobre proteção ambiental e desenvolvimento sustentável na forma de uma “nova carta”. A partir dali se formaram comissões internacionais que estabeleceram uma rede de consultas em todos os setores da sociedade, nos cinco continentes, num processo democrático e único que resultou na Carta da Terra, cuja versão final teve lançamento público em junho de 2000, no Palácio da Paz em Haia, Holanda. Hoje esse documento está traduzido para 40 idiomas, foi subscrito por 4.600 organizações e representa as aspirações de centenas de milhares de pessoas, que a divulgam de maneira descentralizada em todos os âmbitos do acontecer humano.

Sem dúvida, trata-se de um documento singular, pois sua elaboração envolveu mais de 100 mil pessoas de 46 países, contemplando as contribuições da diversidade cultural, étnica, social, religiosa e ideológica sem qualquer restrição. No Brasil, foi o Instituto Paulo Freire que iniciou os trabalhos de consulta e escuta através de reuniões periódicas com a participação de todos os setores da sociedade. Isso confere à Carta da Terra um caráter propositivo sistêmico onde ecologia, justiça social, economia, democracia e não violência se retroalimentam mutuamente. No preâmbulo, esses fatores são protagonistas de uma visão de realidade e de futuro:

“Estamos diante de um momento crítico na história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher o seu futuro. À medida que o mundo torna-se cada vez mais interdependente e frágil, o futuro reserva, ao mesmo tempo, grande perigo e grande esperança. Para seguir adiante, devemos reconhecer que, no meio de uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum. Devemos nos juntar para gerar uma sociedade sustentável global fundada no respeito pela natureza, nos

direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura de paz. Para chegar a este propósito é imperativo que nós, os povos da Terra, declaremos nossa responsabilidade uns para com os outros, com a grande comunidade de vida e com as futuras gerações.”

O compromisso com uma cultura centrada na tolerância, não violência e paz está assinalado no Artigo 16, destacando as ações privadas e interpessoais até as transnacionais, que envolvem armas nucleares:

a. Estimular e apoiar o entendimento mútuo, a solidariedade e a cooperação entre todas as pessoas, dentro das e entre as nações.

b. Implementar estratégias amplas para prevenir conflitos violentos e usar a colaboração na resolução de problemas para administrar e resolver conflitos ambientais e outras disputas.

c. Desmilitarizar os sistemas de segurança nacional até o nível de uma postura defensiva não provocativa e converter os recursos militares para propósitos pacíficos, incluindo restauração ecológica.

d. Eliminar armas nucleares, biológicas e tóxicas e outras armas de destruição em massa.

e. Assegurar que o uso do espaço orbital e cósmico ajude a proteção ambiental e a paz.

f. Reconhecer que a paz é a plenitude criada por relações corretas consigo mesmo, com outras pessoas, outras culturas, outras vidas, com a Terra e com a totalidade maior da qual somos parte.

A Carta da Terra tem hoje uma versão para crianças que integra o currículo dos estudos sobre Meio Ambiente em grande parte das escolas de ensino fundamental do país, visto que a educação consiste em despertar vocações, alavancar potencialidades, criar espaços para o exercício da curiosidade e, igualmente, alimentar afetos, empatia, autoconfiança, cidadania e senso de responsabilidade universal. Cada um de nós é, ao mesmo tempo, um ser biológico e cultural; habitante de um país e do planeta; com um passado, um presente e uma aspiração legítima pelo amanhã. Amanhã que, hoje – como nunca antes –, está em nossas mãos.

Professora,

a senhora disse que no século passado desapareceram quase 100 espécies de animais por ano. Eu nasci no começo do século XXI, quer dizer que já estou em extinção?

Pessoal,

vamos andar de skate na calçada?
— Não acho boa ideia, mano. As rodas riscam a calçada e acabam quebrando tudo.
— E você com isso? A calçada não é tua!
— Claro que é minha. Ela é tua, é de todo mundo. Eu ando aqui todo dia. Se a gente não cuida do que é da gente, quem vai cuidar?

bruno,

você sabia que estamos girando a uma velocidade de 112.000 km por hora?
- Ué, essa é fácil: a Terra voa pela Via Láctea, que é a galáxia onde estamos, a uma velocidade de 112.000 km por hora.
- Mas então como é que a gente não fica tonto?
- Bom, muita gente fica, principalmente os adultos.

Saber o sabor da experiência

Ações em prol da Cultura de Paz

"O que me preocupa
não é o grito
dos violentos,
é o silêncio dos bons."

Martin Luther King Jr.

Estão em curso no Brasil centenas de programas, projetos, iniciativas e ações de Cultura de Paz promovidas como políticas públicas em setores governamentais; como cursos de extensão e especialização em universidades públicas e privadas; em capacitações de educação permanente para professores, agentes penitenciários, forças de segurança, gestores sociais, pais/mães e cuidadores, agentes comunitários, artistas, articulando as competências de agências internacionais, governo, empresas, organizações não governamentais e instituições religiosas. Uma mobilização significativa e significativa de profissionais e voluntários que buscam, no exercício de uma cidadania plena, fortalecer as redes sociais de convivência, diminuir as desigualdades, cuidar e proteger a vida dos mais vulneráveis, enaltecer os valores da solidariedade, cooperação e hospitalidade.

Desse fecundo e inspirador repertório de ações transformadoras, apresentamos dez experiências com base na diversidade local, de público destinatário e de metodologias aplicadas por diferentes gestores. O critério de seleção contemplou ações que atendessem aos seguintes requisitos:

- a. ter a cultura de paz explicitamente entre seus objetivos;**
- b. ter iniciado as atividades no mínimo há 3 anos;**
- c. ter caráter permanente.**



A Educação e a Saúde em Porto Alegre

Inicialiva

As realizações abaixo são da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, que formou parcerias com a Sociedade Brasileira pelo Progresso da Ciência, Secretaria Estadual de Educação e Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

Objetivos

O objetivo do programa é ampliar a compreensão da saúde através da perspectiva da transdisciplinaridade dos conhecimentos que orientam o cuidado humano, e viabilizar formas de integrar estas dimensões a projetos de formação de indivíduos cômicos de seus deveres e direitos para uma vida saudável e para o exercício de uma ética que comporte os aspectos da responsabilidade pessoal, da convivência social e da conservação do ambiente.

Como funciona

Através de projetos de educação continuada, cursos e seminários especiais, e outras estratégias pedagógicas orientadas pelos valores da Cultura de Paz, o programa oferece aos profissionais da Saúde e da Educação uma oportunidade de ampliar horizontes e implementar na sua atividade profissional uma atitude de respeito à vida, prática do acolhimento e inclusão da população que busca nos serviços mais do que a assistência à saúde: o apoio de indivíduos que respeitem e escutem sua humanidade.

Realizações

Desde 2003 a Cultura de Paz é o foco trabalhado nas disciplinas de graduação que formam professores e profissionais de Saúde (em torno de 800 alunos) e nos diversos cursos de extensão, como os da escola de inverno, realizados junto à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência regional, e os projetos que visam redimensionar práticas pedagógicas (em torno de 300 participantes).

Durante o ano de 2004 foram mantidos cursos de pequena duração, direcionados aos servidores de nível médio da

área de Enfermagem, que exercem o Cuidado em período integral. O conteúdo desses cursos foi determinado em função das necessidades apontadas nos serviços, levantadas pelos alunos do Curso de Licenciatura de Enfermagem da UFRGS.

Em nível de extensão, foram realizadas três edições de um curso de 40 horas direcionado a cem profissionais de nível técnico, a fim de qualificar a assistência aos usuários, o cuidado à saúde dos cuidadores, prevenir agravos à saúde dos trabalhadores e implantar o Programa Acolhimento na rede, trabalhando temas como: corporeidade, conceitos de saúde, valores éticos, identidade, complexidade e a biologia do amor, os sentidos e a produção do conhecimento, incertezas e erros, entre outros.

Foi organizado também o seminário: Educação, Saúde e Cultura de Paz, no mês de setembro do mesmo ano, para ampliar o diálogo sobre os elevados índices de violência, morbidade e mortalidade por causas externas ocorridos nos grandes centros urbanos.

No período de um ano foi trabalhado um universo em torno de 1000 servidores da rede, através de vinte e seis cursos, um seminário e duas palestras isoladas, com grande sucesso e aceitação do público e também do atual Presidente do Conselho Municipal de Saúde de Porto Alegre.

Ainda no ano de 2004, o núcleo participou do Comitê Municipal de Desarmamento da cidade de Porto Alegre.

Nos anos seguintes trabalhou-se sob esta mesma lógica com os professores da Rede Estadual de Ensino, atuando diretamente com responsáveis pelo Programa de Saúde do Escolar, indicando a necessidade do aprendizado do diálogo dos professores entre si e entre professores e estudantes para reduzir a violência das/nas escolas.

Em 2006, por iniciativa do Centro Estadual de Vigilância da Saúde, o curso foi reeditado com grande sucesso.

Entre 2007 e 2008 foram orientados pela coordenadora do projeto seis trabalhos de conclusão de curso, um de bacharelado em Enfermagem e cinco em Pedagogia com o enfoque da Cultura de Paz, a partir das experiências vividas nos estágios da rede escolar de ensino de Porto Alegre.

Coordenadora

Profa. Dra. Miriam Suzete de Oliveira Rosa
ariavilo@orion.ufrgs.br

Universidade Aberta do Meio Ambiente e da Cultura de Paz - UMAPAZ, em São Paulo

inicialiva

A Universidade Aberta do Meio Ambiente e da Cultura de Paz – UMAPAZ está vinculada à Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente da Prefeitura de São Paulo. Ela foi concebida na primavera de 2005, por um grupo de 60 pessoas, muitas delas de instituições e organizações não governamentais do campo da cultura de paz. Começou a realizar sua missão em janeiro de 2006, na sede do Parque do Ibirapuera. Em 2007, deu início a programas descentralizados, em parceria com a Saúde e, em 2008, em parceria com a educação. A partir de 2009, programas da UMAPAZ passaram a ser expandidos para os parques da cidade. Todas as atividades oferecidas são gratuitas para os participantes.

Objelivos

A UMAPAZ tem o propósito de sensibilizar e contribuir com a formação de cidadãos capazes de fazer escolhas de modos sustentáveis e pacíficos de convivência socioambiental. Escolhas individuais e coletivas que respeitem a vida das presentes e futuras gerações no planeta Terra, orientadas pelos princípios do respeito à comunidade da vida e a cultura de paz e não violência.

como funciona

A UMAPAZ oferta programas de sensibilização e formação - cursos, seminários, atividades culturais, trilhas e diálogos – para crianças, jovens e adultos. Esses programas procuram abordar as questões referentes à nossa convivência no planeta, na comunidade da vida e na cidade, trabalhando, de modo integrado, multicultural e transdisciplinar, as diferentes dimensões dessas questões.

Resultados

No primeiro ano, 2006, a UMAPAZ atendeu 18 mil pessoas, porém grande parte foi de visitantes da exposição “Corpo D’Água”.

Em 2007, passaram pela UMAPAZ 22.738 pessoas, em cursos e atividades contínuas presenciais. O curso a distância de Mediação de Conflitos Socioambientais teve 1.700 alunos. Frequentaram o Projeto Ambientes Verdes e Saudáveis (PAVS) 5.000 agentes comunitários de saúde e de promoção social, realizado com parcerias com ONGs em toda a cidade.

No ano de 2008, passaram pela UMAPAZ mais de 26 mil pessoas. Nesse ano foi desenvolvido, regionalmente, o Programa de Difusão da Carta da Terra na rede municipal de educação, alcançando 800 coordenadores pedagógicos e diretores de escolas públicas.

Em 2009, foi iniciada a descentralização de programas e atividades para parques públicos da cidade. Em janeiro de 2009, a UMAPAZ passou a coordenar a Escola de Jardinagem, os Planetários e a Escola de Astronomia e Astrofísica.

Além dos cursos livres e das atividades contínuas, como Aventura Ambiental, Danças circulares, Tai-chi, a UMAPAZ oferece dois programas de formação: Educação Gaia, com 164 hs/aula/atividades e Carta da Terra em Ação, com 120 horas/aula/atividades.

O Curso de Educação Gaia, que tem como objetivo formar designers de sustentabilidade, é constituído por



quatro módulos: Social, Econômico, Ecológico e Visão de Mundo. Trata-se de um curso realizado em parceria com o Gaia Education e grupos Ecovila São Paulo e Ecobairro. Seu currículo foi desenhado por um grupo de educadores internacionais com experiência em ecovilas e é oferecido em 34 países. Em São Paulo, é realizado na UMAPAZ desde 2006. Em 2009, os 101 participantes foram selecionados dentre 530 inscritos.

O Curso Carta da Terra em Ação é um programa de formação de agentes urbanos de sustentabilidade. O Programa tem um Módulo Básico – Carta da Terra, de 20 horas, e três Módulos complementares: 1. Integridade Ecológica e Sustentabilidade; 2. Diversidade Humana e Sustentabilidade; 3. Cultura de Paz e Sustentabilidade. A esse núcleo o participante, juntamente com seu preceptor – docente da UMAPAZ –, acrescentará outros cursos e atividades relacionados ao foco de seu trabalho. Ao final, para obter o certificado, o participante apresenta uma expressão de sua aprendizagem. Há dois grupos de 50 pessoas em formação por ano, no primeiro e no segundo semestre.

Perspectivas

A UMAPAZ é parte de uma política pública municipal de cultura de paz, que também se expressa na abertura de uma linha de financiamento pelo Fundo Municipal do Meio Ambiente para projetos de educação ambiental e cultura propostos e realizados por organizações não governamentais, na manutenção de um núcleo de cultura

de paz na Secretaria da Saúde e de um programa de cultura de paz na Secretaria de Esportes e, mais recentemente, na criação de Conselhos locais de Meio Ambiente e Cultura de Paz, mediante eleição de representantes da população, vinculados às subprefeituras.

diretora

Profa. Dra. Rose Marie Inojosa
rosemarieinojosa@bol.com.br

Programa gente que faz a paz

Iniciativa

O programa surgiu em 2004, no Rio de Janeiro, em um evento da Iniciativa das Religiões Unidas (URI /Instituto Mir), e concretizou-se a partir de uma parceria entre UNESCO, Associação Palas Athena, Universidade da Paz – Unipaz, Viva Rio, AfroReggae, CNV Brasil e URI.

Objetivos

Oferecer um amplo repertório de reflexões e experiências sobre Cultura de Paz e melhores práticas em Educação para a Paz, já testadas ao longo dos anos nas instituições parceiras.

Capacitar voluntários, lideranças comunitárias e profissionais que atuam em projetos sociais, educacionais, religiosos, ambientais e de segurança a fim de efetivamente prepará-los, mobilizá-los e apoiá-los para promover a Cultura de Paz.

Como funciona

Os coordenadores do projeto entram em contato com a comunidade local e organizações atuantes na região (como por exemplo: Governo Estadual – Secretaria da Defesa Civil – Centros de Referência em Mediação Comunitária, Prefeituras, Secretaria de Direitos Humanos e Segurança Cidadã) para selecionar as pessoas que formarão a turma de treinandos. Estes recebem 6 capacitações de 10 horas cada, com aulas teóricas e práticas sobre os temas: Viver em Paz; Valores que Não Têm Preço e Paz, como se Faz?; Comunicação Não Violenta, Terapia Comunitária, Mediação de Conflitos e como usar o Kit da Paz. Este kit é um conjunto de materiais didáticos (cds, livros, manuais, revistas, guias etc.) concebidos e produzidos por indivíduos e instituições. O material se baseia nos princípios básicos da Cultura de Paz, com foco na construção de uma sociedade pacífica fundamentada em 6 Ds: Democracia Participativa, Desenvolvimento Sustentável, Direitos Humanos, Desarmamento, Diálogo e Diversidade.

Após a formação, seguem-se 50 horas de reuniões de acompanhamento e supervisão para o plano de ação que cada treinando concebeu e realiza.

O programa está enquadrado na Lei Rouanet (nº 040333 – benefício fiscal) do Ministério da Cultura. É patrocinado pela iniciativa privada e por empresas estatais (Brasil Telecom, Termonorte, Termogas, Bolsa de Valores Sociais e Ambientais – BOVESA, Caixa, Governo de Minas Gerais e Prefeitura de Recife).

Realizações

Foram capacitadas 31 turmas, totalizando 3.000 Agentes da Paz nas seguintes cidades e estados: Rio de Janeiro, RJ; Queimados, RJ; Baixada Fluminense, RJ; São Paulo, SP; Belo Horizonte, MG; Porto Velho, RO; Salvador, BA; Madre Deus e Ilhas, BA; Brasília, DF; Recife, PE.

Perspectivas

Gerar políticas públicas, atuando em redes, integrando os três setores da sociedade – governo, sociedade civil e iniciativa privada – a fim de ter maior abrangência.

O programa visa a que o Agente da Paz se torne um Agente de Transformação da sociedade para uma Cultura de Paz integrando ações, políticas públicas e a iniciativa privada em torno da responsabilidade social, cultural e ambiental.

Coordenador

Virgínia Garcez
virginiagarcez@hotmail.com

Cultura de Paz em Curitiba

iniciativa

Os programas descritos abaixo partiram da iniciativa da empresa Ciência Meditativa, de Curitiba.

Objetivos

Disseminar os princípios da Cultura de Paz.

Como funciona

A empresa Ciência Meditativa, através do seu envolvimento com o movimento pela Cultura de Paz, passou a articular, em Curitiba, grupos da sociedade civil, lideranças religiosas, educadores e agentes sociais em torno de propostas alinhadas com os princípios da Cultura de Paz para beneficiar a sociedade como um todo.

Realizações

Nos moldes do primeiro Conselho Parlamentar pela Cultura de Paz criado em São Paulo, em 2002, a organização articulou a criação de um Conselho semelhante em Curitiba. Em maio de 2004, após um trabalho de apresentação e apoio de mais de 60 instituições civis e sociais, foi feita a solicitação junto aos vereadores da cidade de Curitiba para a criação do Conselho Municipal de Cultura de Paz. Em novembro de 2004, o prefeito Cassio Taniguchi instituiu a Lei 11.240, que criou o Conselho. Dele fazem parte representantes de diferentes tradições religiosas, universidades, escolas, organizações da sociedade civil, empresas, e do poder público. Atualmente, o Conselho procura estabelecer a coesão entre seus participantes e estimular os processos de educação para uma Cultura de Paz.

Estabeleceu com a Secretaria Municipal da Educação uma parceria, em 2005, para a realização de um concurso municipal de redação, envolvendo mais de 9.000 crianças, com o tema Gandhi e Não Violência, em adesão às Semanas Gandhi da Associação Palas Athena. Desde então, todos os anos, diferentes atividades são realizadas, não só na Semana Gandhi, mas também na Semana Martin Luther King. As atividades se diversificam, incluindo concursos teatrais,

concursos de propaganda, desenhos, apresentações musicais e grafiteagem.

O trabalho vem sendo bastante ampliado pelo treinamento de professoras-coordenadoras do programa Comunidade-Escola, que é constituído de 65 escolas que desenvolvem atividades nos finais de semana junto à comunidade. A Cultura de Paz é concebida não só como um assunto transdisciplinar, mas também como ferramenta para a resolução de conflitos. Estas atividades receberam a certificação de Reconhecimento Público da Prefeitura de Curitiba nos anos de 2006 e 2007 pela qualidade do resultado apresentado. O último treinamento contou com 90 professoras-coordenadoras. Dentro do escopo desse projeto, foi criada e distribuída gratuitamente a cartilha *Super Heróis Ativistas da Paz*, para as crianças da rede pública de ensino local.

Em 2008, foi realizado trabalho com a Guarda Municipal da Cidade, utilizando como base o livro *Como viver a macrotransição*, de Ervin Laszlo (publicado pela Axis Mundi e Willis Harman House), onde buscou-se, através do tema Sustentabilidade e Meio Ambiente, reforçar a importância da ação social preventiva junto à comunidade e as metodologias com base em uma Cultura de Paz. O tema do trabalho era o de Desenvolvimento de Lideranças na Guarda Municipal. O programa teve a duração de 3 meses, iniciado na celebração da Semana Gandhi, e capacitou em torno de 60 policiais.

Perspectivas

Pela própria natureza do trabalho de construção de uma Cultura de Paz, busca-se a educação continuada e persistente ao longo do tempo, disseminando e reiterando valores e princípios através de programas que envolvam todos os setores da sociedade em redes de apoio e sinergia.

Coordenador

Vitor Caruso

contato@cienciameditativa.com

Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo: políticas públicas para superação da violência e construção de uma cultura de paz

inicialiva

A partir de 2001, a Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo passou a desenvolver um conjunto integrado de políticas públicas voltadas à diminuição do impacto das diferentes formas de violência e acidentes no campo da saúde pública na cidade de São Paulo. Atualmente, a coordenação dessas atividades está sob responsabilidade da Área Técnica de Cultura de Paz, Saúde e Cidadania da Coordenação da Atenção Básica.

As pessoas em situação de violência, em suas mais diversas formas: sexual, doméstica, institucional, acidente de trânsito, homicídios, suicídios, e nas relações de trabalho, normalmente recorrem ou são encaminhadas aos serviços de saúde. A violência, sem dúvida, gera altos custos para a sociedade, para os indivíduos e para o setor saúde. Além disso, pode deixar diversas sequelas graves. Frente a esta situação, é essencial implementar ações de cuidado integral, apoiadas em iniciativas de prevenção e de promoção à saúde.

Reconhecer a violência e os acidentes como uma questão de saúde pública constitui um grande avanço no setor. A compreensão da complexidade do fenômeno violento exige uma abordagem interdisciplinar e intersetorial.

Objetivos

Aprimorar e fortalecer a Rede de Cuidados capaz de oferecer uma atenção de qualidade às pessoas em situação de violência, através de suas inúmeras unidades e equipes de referência para esse atendimento. Investir na capacitação e acompanhamento dos profissionais, assim como na elaboração de material educativo de suporte, tais como revistas, manuais e vídeo.

Formular e articular as políticas públicas de cultura de

paz entre as Secretarias de Governo, ONGs e comunidade. Atualmente, existem aproximadamente 16 redes inter-setoriais em diferentes territórios do município que apresentam encontros regulares. Em 6 regiões os fluxos assistenciais e de encaminhamento dos usuários já estão pactuados e em operação.

Aprimorar o Sistema de Informação para a Vigilância de Violências e Acidentes – SIVVA, que é fundamental para dimensionar o impacto dos acidentes e das violências na vida das pessoas e nos serviços de saúde. As notificações viabilizam um sistema de registro com informações fidedignas que são essenciais para a elaboração de estratégias de promoção e prevenção de ações de saúde, além de contribuir para incorporar o cuidado às pessoas em situação de violência nas rotinas institucionais.

Como funciona

Para favorecer a organização do trabalho em rede, formulou-se o Projeto "Redes de Paz – Construindo Alternativas à Violência", a partir de 2005. O Projeto representa um esforço de articulação de pessoas e serviços, e se apoia em reuniões de articulação nos territórios, cursos e oficinas. A construção da rede de cuidados também necessita de investimentos em material de educação permanente para nutrir os profissionais de informações de qualidade e, ao mesmo tempo, divulgar o trabalho que vem sendo realizado. Busca-se a participação ativa de todos os atores envolvidos e das comunidades locais, estabelecendo parcerias com outros setores de governo e com a sociedade civil para atuar na prevenção da violência e acidentes, e promoção da saúde.

Resultados

Em 2007, foram confeccionados uma revista e um vídeo



sobre o tema “Tecendo Redes de Paz”. Foram também elaborados 3 (três) cadernos de orientação relacionados ao atendimento de crianças e adolescentes, mulheres e idosos em situação de violência doméstica e sexual. Todos os materiais educativos foram distribuídos para cerca de 700 unidades de saúde do município.

Nos últimos dois anos, foram capacitados mais de 1.200 profissionais da saúde. Foram envolvidos todos os segmentos profissionais, incluindo agentes comunitários. Em algumas regiões, foram capacitados trabalhadores da educação, assistência social, conselheiros tutelares e técnicos de ONGs, o que ajudou a fortalecer a rede local. Os cursos visaram introduzir tecnologias para lidar com conflitos e com a violência, e prepará-los para o trabalho de formação de rede. Além de aulas teóricas, os cursos criam espaços vivenciais para garantir a experimentação dessas tecnologias e a troca de experiências.

Na região norte da cidade, a partir do processo de capacitação, surgiu a proposta de organização de Núcleos de Cultura de Paz em todas as unidades de saúde. Os profissionais e gestores capacitados estão assumindo a responsabilidade de multiplicar localmente os cursos.

O projeto ampliou as relações de parceria com diferentes áreas da SMS: Aids, Saúde Mental, Idoso, Medicina Tradicional, População Negra, Vigilância em Saúde, Saúde da Mulher e da Criança e do Adolescente. Também expandiu suas conexões com outras secretarias do governo municipal: educação, meio ambiente, justiça, assistência social, dentre outras.

A Secretaria da Saúde igualmente procura estabelecer ações conjuntas com outras Secretarias de Governo.

Já foram realizadas várias oficinas de cultura de paz para aproximadamente 500 professores da rede municipal de ensino em 2007 e 2008.

Numa parceria com a Secretaria do Meio Ambiente, participamos do “Projeto de Ambientes Verdes e Saudáveis”, que capacitou 5600 agentes comunitários da saúde. Os princípios da cultura de paz foram usados como norteadores de todo processo pedagógico do programa.

Perspectivas

A organização da Rede de Cuidados no campo da saúde pública mobiliza muitas defesas e resistências por parte dos profissionais e dos gestores. A cultura da violência suscita medos e inseguranças em todos os cidadãos, inclusive nos trabalhadores da saúde. A subnotificação dos casos de violência e a omissão de cuidado representam expressões das dificuldades a serem superadas. A formação acadêmica não prepara os profissionais para lidar com a violência. Sensibilizar e capacitar é um desafio à inteligência coletiva que exige abertura para novas ideias, mudanças de atitudes e de comportamentos.

Trabalhar em parceria e de forma integrada com outros setores para a construção de redes é uma experiência relativamente nova. Requer capacidade de diálogo para compreender e aceitar as inevitáveis diferenças e para realizar os ajustes necessários nos projetos de interesse comum.

Coordenador

Dr. Jonas Melman
melman@terra.com.br

Educadores da Paz – Programa de formação de educadores em Cidadania, Ética e Valores Universais, em Araçatuba

Iniciativa

Este programa socioeducativo teve início em 2001, a partir de encontros e palestras em Araçatuba/SP, consolidando uma parceria entre o Interação, uma organização local, e a Associação Palas Athena. Hoje, este programa foi integrado ao projeto Comunidade Presente, da Secretaria de Educação da região de Araçatuba.

Objetivos

Implantar o Programa Educadores da Paz nas escolas da rede pública da região.

Desenvolver uma iniciativa de longo prazo, em conjunto com as redes sociais locais, estimulando a reflexão e o compromisso com valores éticos, o respeito à vida e à natureza, e com a responsabilidade para com o futuro da humanidade.

Capacitar as escolas para ensinar o “como fazer” e também o “como viver”, oferecendo treinamento para que os professores-educadores sejam verdadeiros agentes de mudança e corresponsáveis pelo processo de formação do caráter e do espírito das novas gerações.

Fortalecer o educador para desempenhar tarefas

restaurativas de acolhimento e orientação da infância e da juventude, estimulando a autonomia e o protagonismo juvenil, a inclusão, o diálogo, e os mecanismos de mediação e resolução não violenta de conflitos na escola e na comunidade.

Formar e capacitar gestores e responsáveis pelas escolas, professores, funcionários, alunos, pais e comunidade.

Como funciona

O Programa Educadores da Paz tem como fundamento os Seis Princípios do Manifesto 2000 propostos pela UNESCO; os Quatro Pilares da Educação, propostos pela Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, reunidos no Relatório Jacques Delors (1996); os princípios das Práticas Restaurativas advindas da Justiça Restaurativa; o Diálogo como prática de comunicação ativa do falar e do ouvir e as Práticas Atencionais do Centramento que qualificam a capacidade atenta.

São realizados seminários, palestras e vivências em encontros regulares quinzenais ou mensais, sempre de acordo com a disponibilidade de cada escola. O Programa é implantado de forma gradativa, iniciando com os diretores, coordenadores e supervisores, formando e informando a



partir dos princípios norteadores da Cultura de Paz, com fundamentação teórica e conceitual, juntamente com as práticas restaurativas de resolução não violenta de conflitos, o diálogo e o centramento, sempre no sentido de estabelecer compromisso e responsabilidade, por meio da livre participação. A partir desta base, o programa é estendido aos professores e alunos, chegando ao cotidiano das salas de aula, momento em que, naturalmente, mobiliza os pais e a comunidade do entorno escolar.

As etapas de implantação metodológica vão se consolidando e se retroalimentando continuamente. Os desdobramentos em ações sociais de micropolíticas estão emergindo, articulando e engajando outros segmentos da sociedade em Programas de Construção de Cultura de Paz.

Resultados

Em Birigui/SP, o programa atende 13 escolas da rede municipal e em Araçatuba, junto à Diretoria de Ensino da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, que compreende seis municípios, atende 49 escolas estaduais, perfazendo um total de 16.657 crianças e adolescentes beneficiados.

A experiência no cotidiano da vida escolar tem demonstrado elevação nos índices de aprendizagem e diminuição da violência, verificados concretamente no comportamento dos alunos, nas relações de convivência, na resolução dos conflitos por meio do diálogo e práticas restaurativas, na diminuição da agitação e dispersão, viabilizando o processo pedagógico, nas atitudes mais agregadoras e menos reativas por parte dos professores e funcionários, dentre outros indicadores.

Após 9 anos ininterruptos do Programa Educadores da Paz, conclui-se que é possível realizar uma ação transformadora no cotidiano das relações pedagógicas, do convívio escolar e seu entorno, com baixo custo, contando com o compromisso e a disponibilidade de todos os que constituem a comunidade escolar.

Coordenador

Profa. Maria Elvira Ribeiro Tuppy
espacointeracao@uol.com.br

Programa Cidades Pela Paz esforço Socioeducativo e Cultural

Iniciativa

A Iniciativa é da organização INTELIGÊNCIA RELACIONAL®, que planeja, organiza, orienta, e executa este programa socioeducativo e cultural para desenvolvimento de cultura de paz e não violência nas cidades.

Objetivos

Envolver todos os seguimentos da comunidade para:

- Aprofundar a compreensão sobre a interdependência entre todos os segmentos da sociedade e estimular, junto aos diversos segmentos da comunidade, a identificação de bases comuns de interesse.
- Aumentar a cooperação recíproca entre todos os segmentos da sociedade em torno da construção da paz e redução da violência, ampliando a consciência de sua responsabilidade.
- Ampliar e facilitar o diálogo e a cooperação entre diferentes preferências ideológicas, doutrinárias, político-partidárias, religiosas, institucionais,

étnicas, culturais e socioeconômicas em benefício da construção de uma cultura de paz para todos.

- Desenvolver projetos específicos em diversos bairros e organizações da cidade, apresentando os valores da cultura de paz e não violência.
- Promover a cooperação e o diálogo e construir soluções pela ação de seus próprios cidadãos, reduzindo a dependência e a centralização em órgãos governamentais e grupos de elite.

Como funciona

Um Grupo Coordenador funda, aconselha, supervisiona e representa o Programa. São realizados encontros regulares com grupos representativos de toda a comunidade. O grande grupo de representação comunitária pesquisa, estuda e divulga os temas de Cultura de Paz em suas respectivas áreas. Uma equipe de profissionais das áreas de administração de programas socioeducativos e cultura de paz orienta e facilita o programa de atividades. Os grupos de apoio oferecem suporte administrativo e operacional no cotidiano das ações das empresas patrocinadoras e do setor público.

Resultados

- Foram estabelecidas parcerias com cinco empresas patrocinadoras do Programa Cidades Pela Paz: Usina Moema Açúcar e Álcool Ltda., de Orindiúva-SP; Usina Vertente Ltda., de Guaraci-SP; Usina Itapagipe Açúcar e Álcool Ltda., de Itapagipe-MG; Usina Frutal Açúcar e Álcool S/A., de Frutal-MG; Usina Mandu S/A., de Guaíra-SP.
- Foram implantados programas em treze municípios:
- Barretos / SP; Guaíra / SP; Orindiúva / SP; Icém / SP; Palestina / SP; Paulo de Faria / SP; Riolândia / SP; Altair / SP; Guaraci / SP; Itapagipe / MG; São Francisco de Sales / MG; Frutal / MG; Planura / MG.
- 222 seminários foram realizados no período de 2006 a 2008, com 15.000 participantes.
- 130 projetos "Diálogo na Comunidade" foram levados a 13 cidades. Houve 10 turmas do Curso de Formação de Agentes da Paz com 182 Agentes da Paz formados.
- 227 professores foram capacitados para lecionar a disciplina "Cultura de Paz" no ensino fundamental, em 52 escolas;

- 4.000 alunos recebem regularmente a disciplina "Cultura de Paz" no 1º ano do ensino fundamental, e 4.000 livros da disciplina "Cultura de Paz" foram distribuídos aos alunos; 227 livros de orientação ao professor da disciplina "Cultura de Paz", distribuído aos professores.
- Foram realizadas 5 reuniões de preparação e planejamento para a implantação da Sala de Situação nos municípios;
- O programa Cidades pela Paz foi incluído no site do Instituto Banco Mundial, por escolha daquela entidade, tendo sido eleito programa de referência.
- O Programa foi apresentado em Washington, em outubro de 2007, no 12th International Business Forum 2007 – Business Engagement for Governance, onde delegações de 47 países assistiram à apresentação sobre a experiência do programa.

Coordenador

João Roberto Araújo
www.inteligenciarelacional.com.br

Projeto de extensão universitária “Peregrinos da Paz”, no Pará

Inicialiva

Este projeto nasceu na Universidade Federal do Pará – UFPA, com a coordenação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. O programa se insere num conjunto de atividades voltadas para o tema da Cultura de Paz que vêm sendo desenvolvidas pela UFPA desde 2002. O tema da Não Violência e da Cultura de Paz se transformou em diretriz de diversas ações criadas e desenvolvidas pela universidade no campo da pesquisa, do ensino de pós-graduação e da extensão.

Objetivos

Oferecer formação em Cultura de Paz através de processos continuados que permitam o amadurecimento de todos os atores envolvidos para, deste modo, atingir os objetivos de mudança cultural a que se propõe esse gênero de educação, que deve abranger os níveis filosófico, teórico e vivencial.

Articular o conhecimento acadêmico e o vivencial no campo da dialogia e da não violência, procurando levar esse conhecimento, com ferramentas adequadas, ao espaço escolar.

Como funciona

Dentro do plano de estágio supervisionado e de voluntariado da UFPA, os alunos dos cursos de graduação participam de um processo de educação continuada em Cultura de Paz, atuando como multiplicadores nas escolas de ensino fundamental e médio.

Paralelamente, vem ocorrendo a produção de trabalhos de conclusão de curso e projetos de dissertação e teses voltados para o tema e vinculados à pesquisa Caminhos para uma Cultura de Paz, projeto interdisciplinar sob a coordenação da mesma universidade, mas envolvendo também a Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e a Universidad Pontificia Comillas, da Espanha.

Todos esses trabalhos têm sua fundamentação filosófica e teórica em alguns pensadores que contribuíram para a

reflexão sobre a paz: Martim Buber, Franz Rosenzweig, Rabindranath Tagore, Leon Tolstoi, Gandhi, Emmanuel Mounier, Hans Georg Gadamer, Emmanuel Levinas, Paul Ricoeur etc. Todos, por vias distintas e em diversos campos, apontam para a concretização do ideal de uma Universidade que saia efetivamente dos muros e contribua para a paz social com as teorias nela desenvolvidas.

Concebido em 2006, o “Peregrinos da Paz” inicialmente teve financiamento estadual, mas no decorrer do tempo adquiriu a característica de voluntariado que hoje possui, envolvendo alunos dos cursos de Ciências Sociais, Serviço Social, Psicologia, Artes e Pedagogia.

Resultados

Desde 2007 vem sendo desenvolvido um trabalho com a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Tiradentes junto às 12 turmas de 5ª à 8ª séries do ensino fundamental. A referida escola vinha apresentando problemas em termos de comportamentos violentos por parte dos alunos e o projeto contribui com um trabalho preventivo.

Paralelamente, em Abaetetuba, no Colégio São Francisco Xavier, nasceu um primeiro ramo do Peregrinos da Paz. São realizadas atividades semanais e foram beneficiadas até o momento cerca de 1.500 crianças das escolas de ensino fundamental, que receberam conteúdos voltados para a educação em valores.

Foram igualmente beneficiados cerca de 80 jovens da graduação, muitos deles já encaminhados para a pós-graduação com projetos de mestrado e doutorado, assim como apresentando uma produção de trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses defendidas em torno das filosofias para o diálogo e para a construção de uma cultura de paz.

Perspectivas

As maiores dificuldades do projeto giram em torno da construção de uma cultura de voluntariado na região e da carência de materiais para a manutenção do projeto. Neste sentido, o projeto está sempre buscando meios e caminhos para continuar. Há uma demanda reprimida nas demais escolas, porém não há como atender a todas. Nossa perspectiva é a de fortalecer um grupo de multiplicadores capaz de levar adiante a ideia do projeto.

Coordenadora

Profa. Dra. Kátia Mendonça
veredas@amazon.com.br | www.peregrinosdapaz.ufpa.br

Londrina constrói uma história de Paz

inicialiva

O Movimento pela Paz e Não Violência conhecido como Londrina Pazeando nasceu em 2001. Naquele ano, um grupo de pessoas conseguiu a aprovação na Câmara Municipal da Lei 8.437, que institui no calendário de comemorações oficiais de Londrina, Paraná, a Semana da Paz, cujo objetivo é a promoção da educação para a paz. Em setembro de 2001 realizou-se a 1ª Semana da Paz.

Objetivos

Promover a Cultura de Paz na cidade de Londrina.

Como funciona

A organização não governamental Londrina Pazeando atua através da formação de parcerias e sinergias com todos os setores da sociedade civil e do poder público.

Realizações

Em setembro de 2008, Londrina teve sua 8ª Semana Municipal da Paz e foi sede da 4ª Semana Estadual da Paz, com diversas atividades e uma ênfase especial no trabalho da mídia para a construção da paz.

Durante a realização do 1º Fórum Educação para Cultura de Paz de Londrina, em julho de 2007, foi aprovada a proposta de formação do Conselho Municipal de Cultura de Paz (COMPAZ), criado por meio da Lei 10.388, de dezembro de 2007 – inspirado no primeiro Conselho Parlamentar para a Cultura de Paz, criado na cidade de São Paulo em 2002. Compete ao Conselho a formulação, coordenação, supervisão e avaliação da política voltada a ações pela cultura e educação para a paz. Ele tem representantes das várias tradições religiosas, instituições de ensino público e privado, categorias profissionais e organizações não governamentais, dos poderes legislativo, executivo e judiciário. Ele tem a missão de pautar seu trabalho sobre os seguintes eixos: Educação para a Paz; Desenvolvimento Sustentável; Direitos Humanos; Igualdade entre os gêneros; Participação

Democrática; Entendimento, Tolerância e Solidariedade; Livre Circulação de Informação; e Paz e Segurança Internacionais.

Várias escolas de Londrina estão inseridas no projeto. A primeira coletânea de desenhos e textos dos estudantes foi publicada em 2003. Os alunos também se mobilizam para a realização de caminhadas nos bairros ao redor das escolas e assistem a vídeos com a biografia de pacifistas. Os alunos e suas famílias participam com entusiasmo dessa iniciativa.

Os estudantes também receberam o gibi *Uma Turminha da Paz*, que tem como personagens Seo Pacífico, Eupaziano e Edu Vidoso, e os Jogos de Paz, um jogo de cartas (inspirado no Super Trunfo) que trabalha os conceitos de Cultura de Paz. Em julho de 2005, o Londrina Pazeando lançou a segunda edição do gibi *Uma Turminha da Paz*, justamente com o tema desarmamento. Com tiragem de 10 mil exemplares, distribuídos para um universo de mais de 160.000 alunos das redes públicas e particulares, com a doação a suas bibliotecas, a história fala das atitudes cotidianas que ajudam a construir a paz e da importância do desarmamento. No final do gibi, há biografias de Francisco Xavier, Madre Teresa de Calcutá e Betinho.

Em 2008, foi realizada a 1ª Conferência Municipal de Educação para a Paz. Em setembro de 2008, numa parceria entre Londrina Pazeando e Sercomtel, foram lançados cartões telefônicos com a imagem do cartaz da 8ª Semana da Paz. Desde 2004, a Sercomtel é parceira da ONG no lançamento dos cartões com imagens e frases alusivas à Semana da Paz. Foram distribuídos 20 mil unidades do cartão em 1.700 pontos de venda.

Em março de 2009, a primeira reunião entre o Conselho Municipal de Cultura de Paz e as universidades discutiu a implantação de meios que divulguem, entre outros assuntos, projetos de pesquisa e extensão que geram benefícios às comunidades. Cada universidade pode ter seu próprio site e, além disso, é possível criar um espaço comum, que seja fonte de pautas positivas à imprensa.

A ONG Londrina Pazeando e o COMPAZ organizaram no município a caravana com a segunda campanha nacional de desarmamento, sendo que mais de 3.000 armas foram entregues.

Coordenador londrina Pazeando

Luiz Cláudio Galhardi
paz@londrinapazeando.org.br

Comitê Paulista para a Década da Cultura de Paz

Inicialiva

O Comitê Paulista para a Década da Cultura de Paz é fruto de um termo de parceria assinado entre a UNESCO e a Associação Palas Athena em dezembro de 1999, com o propósito de divulgar o Manifesto 2000 e a Década Internacional por uma Cultura de Paz e Não Violência para as Crianças do mundo.

Como funciona

O Comitê Paulista para a Década da Cultura de Paz é operado inteiramente por voluntários e iniciou suas atividades em outubro de 2000 nas dependências da Faculdade de Saúde Pública da USP – Universidade de São Paulo, contando sempre com o apoio da Dra. Marlova Jovchelovich Noletto, Coordenadora do Setor de Ciências Humanas e Sociais da UNESCO no Brasil. Realiza fóruns temáticos mensais, reuniões de assessoria a órgãos governamentais e organizações não governamentais, reuniões de capacitação interna, elabora material didático e de divulgação e organiza seminários internacionais com destacadas personalidades do cenário mundial. Estes são fundamentais para balizar conteúdos, ampliar as referências conceituais e aprofundar a própria percepção da Cultura de Paz – suas múltiplas formas de aplicabilidade e vias de adesão. Neste sentido, destacamos as inestimáveis contribuições dos Seminários Internacionais Palas Athena, que trouxeram ao país, entre outros: Edgar Morin (1998), Ravindra Varma (2001), David Adams (2005 e 2007), Jean-Marie Muller (2005 e 2007), Howard Zehr (2008), o Dalai Lama (2006), Marshal Rosenberg (2006), Xesus Jares (2007), Johan Galtung (2006), Maturana (2009).

O Comitê mobiliza, através de seus participantes, inúmeras iniciativas que já ultrapassam as fronteiras do país. Entre elas destacamos o Consejo de Paz de la República Argentina, fundado em Buenos Aires com base na experiência do 1º Conselho Parlamentar pela Cultura de Paz, instituído como órgão da Assembleia Legislativa do Estado de São

Paulo pela Resolução 829 de 2002, pelo então presidente da mesma, Dr. Walter Feldman. No Brasil, hoje, há em exercício Conselhos semelhantes em Diadema e Itapeverica da Serra (SP), Curitiba e Londrina (PR). Estes núcleos de formação e fomento de iniciativas de construção da paz, por sua vez, vêm gerando outros projetos e programas nas áreas da educação, saúde, cultura, políticas públicas e no judiciário. O Comitê presta assessoria, aconselhamento e, quando solicitado, monitoramento de muitos deles. O Comitê da Alta Noroeste Paulista para a Década da Cultura de Paz, com sede em Araçatuba, já realizou 42 fóruns e segue o mesmo modelo de funcionamento.

Realizações

Desde a criação do Comitê Paulista para a Década da Cultura de Paz até junho de 2009 foram realizados 73 fóruns temáticos com entrada franca, ministrados por especialistas nacionais e internacionais. Atualmente os fóruns acontecem mensalmente no Auditório do Museu de Arte de São Paulo – MASP e contam com público médio de 300 pessoas.

Em abril de 2008 foi realizado o Fórum Internacional Cultura de Paz e Pedagogia da Convivência – Ação e Políticas Públicas, que reuniu 498 professores, agentes sociais, formadores de opinião, lideranças da sociedade civil e funcionários públicos e contou com a contribuição de destacados pensadores nacionais e estrangeiros.

Criou em 2004 e mantém o website www.comitepaz.org.br, que recebe uma média de 600 visitas diárias de consulentes de 40 países, entre pessoas físicas, universidades, ongs e agências governamentais, o que o torna uma referência nacional. Ali disponibiliza, em português, os documentos seminais da cultura de paz, e ainda artigos de especialistas internacionais, reportagens, textos de apoio para ensino e versão em áudio dos fóruns já realizados.

Perspectivas

Criar uma massa crítica dentro da sociedade civil, capaz de oferecer propostas de implementação dos 8 eixos da Cultura de Paz como política pública. Igualmente, estimular as universidades a integrar esse repertório de conhecimentos, seja como disciplina, seja como tema transversal em seus currículos e pesquisas em antropologia, economia, psicologia, história, sociologia, ciências políticas etc.

Coordenadoras

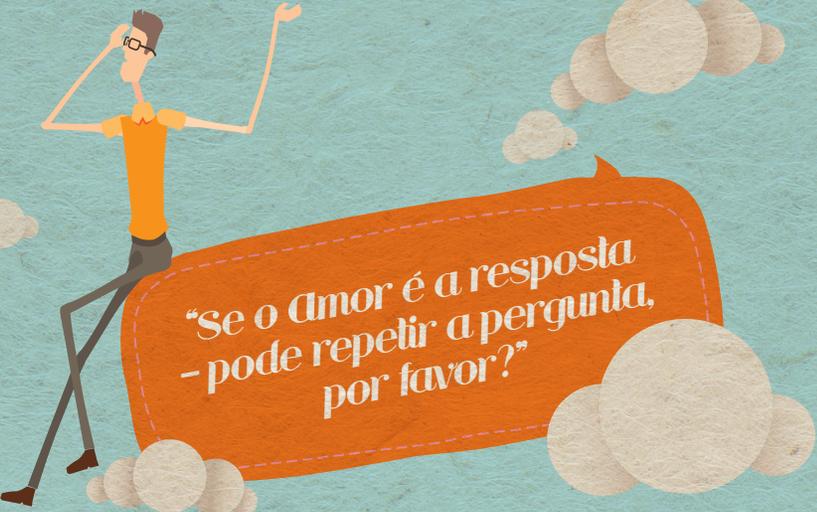
Profa. Lia Diskin, Profa. Lucia Benfatti, Elisabete Santana e Douglas Paes Aranão

www.comitepaz.org.br | www.palasathena.org.br

e a nave vai...

A breve amostra do poder mobilizador e transformador da Cultura de Paz é por demais evidente, o que resulta em um convite para continuar promovendo o diálogo entre os diferentes atores sociais, com o objetivo de criar um cenário de convivência saudável e inspiradora, onde cada um possa desenvolver suas aptidões e talentos – em benefício de todos – através de um pacto capaz de sustentar as reciprocidades.

E, a título de despedida, lembramos os dizeres de uma camiseta que usava um jovem em um acampamento estudantil:



*“Se o Amor é a resposta
- pode repetir a pergunta,
por favor?”*

bibliografia

BAUMAN, Zygmunt – *A arte da vida*, Zahar, Rio de Janeiro, 2009.

BOHM, David – *Diálogo, comunicação e redes de convivência*, Palas Athena Editora, São Paulo, 2005.

CAVOUKIAN, Raffi e OLFMAN, Sharna (organizadores) – *Honrar a criança. Como transformar este mundo*, Instituto Alana, no prelo.

DISKIN, Lia – *Vamos ubuntu? Um convite para cultivar a paz*, UNESCO, Fundação Vale, Brasília, 2008.

OURIQUES, Evandro Vieira (organizador). *Diálogo entre as Civilizações: a experiência brasileira*. Rio de Janeiro: Centro de Informação das Nações Unidas, 2002.

GIANNETTI DA FONSECA, Eduardo – *Vícios privados, benefícios públicos?*, Companhia das Letras, São Paulo, 1993.

JARES, Xesús – *Pedagogia da convivência*, Palas Athena Editora, São Paulo, 2006.

MINISTÉRIO DA SAÚDE – *Violência faz mal à saúde*, Ministério da Saúde, Brasília, 2004.

JOVCHELOVITCH NOLETO, Marlova – *Abrindo espaços: educação e cultura para a paz*, UNESCO, Fundação Vale, Brasília, 2008.

KEIKSBERG, Bernardo – *Mais ética, mais desenvolvimento*, UNESCO e CNI – SESI, Brasília, 2008.

MULLER, Jean-Marie – *O princípio da não violência. Uma trajetória filosófica*, Palas Athena Editora, São Paulo, 2005.

PUREZA, José Manuel (organizador) – *Para uma Cultura de Paz*, Quarteto Editora, Coimbra, 2001.

REZENDE GUIMARÃES, Marcelo – *Aprender a educar para a paz*, CLAI Edições e Editora Rede da Paz, Goiás, 2006.

TORO, José Bernardo – *A construção do público: cidadania, democracia e participação*, X Brasil, Editora SENAC Rio, Rio de Janeiro, 2005.

WIESEL, Elie (prefácio), vários autores – *Imaginar a Paz*, UNESCO e Paulus Editora, Brasília, 2006.

expediente

equipe do projeto

texto

Lia Diskin

coordenação geral gerência de desenvolvimento

Luciana Bon Duarte Fantini

coordenação técnica

Jorge Carlos Silveira Duarte
Lourdes Alves de Souza

projeto gráfico e capa

Estúdio FOMA

revisão técnica

Tonia Van Acker

colaboradores

Lucia Benfatti
Cristiane Araujo

impressão

Outubro 2011

conselho regional do senac são paulo

presidente

Abram Szajman

membros efetivos

Akira Kido | Alberto Weberman | Argemiro de Barros Araújo | Arlete Cângero de Paula Campos | Elisete Berchiol da Silva Iwai | Garabed Kenchian | Haroldo Silveira Piccina | José Camargo Hernandez | José Carlos Buchala Moreira | José Domingues Vinhal | Luiz Antonio de Medeiros Neto | Pedro Zidoi Sdoia | Rubens Torres Medrano | Ruy Pedro de Moraes Nazarian | Wilson Hiroshi Tanaka

membros suplentes

Antonio Henrique Medeiros Duarte | Arnaldo Augusto Ciquielo Borges | Atilio Carlos Daneze | Frednes Correa Leite | Gener Silva | George Assad Chahade | José Antonio Scomparin | Lucíola Rodrigues Jaime | Ludgero Migliavacca | Luiz Armando Lippel Braga | Mariza Medeiros Scaranci | Michel Jorge Saad | Oswaldo Bandini | Roberto Arutim

representantes do conselho nacional

membros efetivos

Abram Szajman | Marcio Olívio Fernandes da Costa | Marco Aurélio Sprovieri Rodrigues

membros suplentes

Dario Miguel Pedro | Edson Gaglianone | Felícia Aparecida de Souza Areias

diretor regional

Luiz Francisco de A. Salgado

superintendente administrativo

Darcio Sayad Maia

superintendente de operações

Lucila Mara Sbrana Sciotti

superintendente universitário e de desenvolvimento

Luiz Carlos Dourado



Agradecemos a participação generosa da Profª Lia Diskin no acolhimento da proposta para desenvolvimento da cartilha. Agradecemos os amigos e colaboradores que influenciaram na concepção e na sua concretização.

Agradecemos ainda a todos os participantes das Redes Sociais fomentadas pelo Senac no Estado de São Paulo, que são o motivo e a inspiração desse trabalho, pois, cotidianamente, constroem histórias e aprendizagens que fortalecem a cultura de convivência.



www.sp.senac.br